



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

THAMILLA KESSIA DE OLIVEIRA DA SILVA

A COR DO AFETO: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS ACERCA DO AMOR

Recife

2024

THAMILLA KESSIA DE OLIVEIRA DA SILVA

A COR DO AFETO: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS ACERCA DO AMOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Orientador(a): Vivian Matias dos Santos

Recife

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Thamilla Kessia de Oliveira da.

A Cor do afeto: narrativas de mulheres negras acerca do amor
/ Thamilla Kessia de Oliveira da Silva. - Recife, 2024.
66f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,
Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Psicologia, 2025.

Orientação: Vivian Matias dos Santos.

Inclui referências.

1. Mulheres negras; 2. Amor; 3. Raça; 4. Gênero. I. Santos,
Vivian Matias dos. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

THAMILLA KESSIA DE OLIVEIRA DA SILVA

A COR DO AFETO: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS ACERCA DO AMOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Aprovada em: ___ / ___ /20 ___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vivian Matias dos Santos (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Flávia da Silva Clemente (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Ceará

Profa. Ma. Lívia Cristinne Arrelias Costa (Convidada/Especialista)
Universidade Federal do Pará

Dedico este trabalho e desejo amor para todas as mulheres negras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, que sempre acreditou e me ensinou que a educação seria o melhor caminho a seguir, sempre me apoiando e me fortalecendo nessa caminhada.

À minha esposa, que esteve presente nesse percurso acadêmico, sendo uma rede de apoio muito importante nos momentos de insegurança, me incentivando e se alegrando comigo a cada avanço nesse percurso.

Às mulheres negras que contribuíram com esta escrita a partir das suas narrativas, sobretudo pela confiança de dividir comigo suas percepções sobre uma temática que ainda é sensível para nós.

À minha orientadora, por toda compreensão nesse percurso tantas vezes atravessado por intercorrências. Sou grata por todo incentivo no processo de escrita, pelo acolhimento e ensinamentos oferecidos.

Ao meu psicólogo, por toda acolhida e disponibilidade de escuta, pelos momentos em que lemos e dialogamos sobre esse trabalho, reconhecendo o quanto isso seria importante para o meu processo terapêutico.

A Lázaro, por todas as partilhas de conhecimento que me ajudaram a construir esta pesquisa.

Por fim, agradeço à CAPES pelo apoio financeiro, que tornou essa pesquisa possível.

“A outra”

Amar outra mulher negra
me faz reconhecer
que quanto uma
não sou só
sou multidão
Amar outra mulher negra
me faz compreender
o que há de submerso
enquanto mergulho na imensidão
Mais que corpos a ocupar terrenos
somos celestes
não mais em teste
procurando aprovação
Amar outra mulher negra
me propõe a ser
o fim, o início e o meio
de uma antiga profecia
que me inspira a reconhecer
o recomeço do futuro
o olhar perante o novo passado
Enquanto o passado
se atualiza
perante a eternidade do presente.

(Beatriz Fernandes da Costa)

RESUMO

Em uma sociedade colonial e capitalista, historicamente racista e cisheterossexista, que impõe padrões normativos nas relações sociais e afetivas, mulheres negras são perpassadas pelo vislumbre do que seria amar. O objetivo deste trabalho é investigar como mulheres negras têm vivenciado o amor, a fim de identificar, em suas narrativas, possíveis convergências e divergências na representação do amor, tecendo diálogos com a literatura sobre esta questão. Assim, a partir de uma abordagem qualitativa, realizamos três entrevistas narrativas com mulheres negras nordestinas, que vivem nas cidades de Fortaleza (Ceará), Natal (Rio Grande do Norte) e Recife (Pernambuco). Por meio de suas narrativas, compreendemos que a intersecção entre raça e gênero é um fator fundante nas suas relações amorosas, e que tais relações, embora se revelem atravessadas pelo mesmo sistema de opressões, se manifestam revelando a pluriversidade de experiências e formas de compreender o amor. Com suas narrativas, aprendemos, sobretudo, sobre a força transformadora que o amor pode ter na vida de mulheres negras.

Palavras-chave: Mulheres negras. Amor. Raça. Gênero.

ABSTRACT

In a colonial and capitalist society, historically racist and cisheterosexual, which imposes normative standards on social and emotional relationships, black women are permeated by the glimpse of what it would be to love. The objective of this work is to investigate how black women have experienced love, in order to identify in their narratives possible convergences and divergences in the representation of love, weaving dialogues with the literature on this issue. Thus, from a qualitative approach, three narrative interviews were conducted with black women from the Northeast, who live in the cities of Fortaleza (Ceará), Natal (Rio Grande do Norte) and Recife (Pernambuco). Through their narratives, we understand that the intersection between race and gender is a founding factor in their romantic relationships, and that such relationships, although they are traversed by the same system of oppression, reveal the pluriversity of experiences and ways of understanding love. Through their narratives, we learn, above all, about the transformative power that love can have in the lives of black women.

Keywords: Black women. Love. Race. Gender.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
	SOBRE AS MULHERES NEGRAS QUE FALAM SOBRE O AMOR	14
2	TEREZA (FORTALEZA)	17
2.1	A UNIVERSIDADE COMO UM LUGAR DE AMOR?	23
2.2	“AMOR ESPECÍFICO DE SENTIMENTO E AÇÃO FAMILIAR PODE SER MUITO COMPLICADO [...]”	26
2.3	“EU ME SINTO AMADA QUANDO [...]”	31
3	LUÍSA (NATAL)	33
3.1	“MINHA FAMÍLIA NÃO SE ENTENDE COMO UMA FAMÍLIA QUE TEM VÁRIAS PESSOAS NEGRAS [...]”	35
3.2	“O AMOR SEMPRE FOI DESAFIADOR [...]”	41
4	EVA (RECIFE)	44
4.1	“A MINHA FAMÍLIA É FORMADA DE MULHERES [...]”	46
4.2	“EU TINHA SIM CIÊNCIA DE QUE EU ME GOSTAVA MUITO [...]”	48
4.3	“A SOLIDÃO NÃO PODE CHEGAR PARA MIM ANTES DO AMOR [...]”	50
4.4	“EU NÃO TENHO COMO RESPONDER SE QUEM VEIO PRIMEIRO FOI O OVO OU A GALINHA [...]”	53
4.5	“EU ME SINTO AMADÍSSIMA [...]”	56
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS	63

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa emerge de meus anseios e curiosidades sobre as questões que envolvem a vivência amorosa de mulheres negras. Sobretudo, de um desejo de me conectar com outras narrativas para além da minha, que possam ampliar nosso entendimento sobre o amor. Sendo o amor uma questão que me interessa não apenas enquanto pesquisa, mas como mulher negra e, portanto, pertencente ao grupo que fundamenta este texto, sinto-me atravessada por tal questão, de forma que pude revisitar memórias afetivas despertadas no contato com as produções acerca do tema e junto às narrativas aqui apresentadas.

Antes de aprofundar a temática deste trabalho, é necessário compreender que a história das mulheres negras é marcada por conjunturas e estruturas sócio-históricas que afetam diretamente nossas dinâmicas afetivas. Contar nossa história e vivências amorosas não nos afasta dos processos sócio-históricos que em muitos momentos nos desumanizam. Sabendo disso, Angela Davis (2016) conta que, desde a colonização, pessoas negras têm seus corpos usados para exploração de mão de obra.

A priori, não havia diferenciação de gênero, ou seja, homens e mulheres eram forçados a realizar as mesmas tarefas nas lavouras e senzalas. A não diferenciação também se aplicava às punições sofridas, assim os senhores mantinham o controle sobre os seus corpos. Para as mulheres negras, a exploração sexual era usada como forma de subordinação e punição. Além disso, eram vistas como reprodutoras responsáveis por reproduzir e garantir mais mão de obra escrava (Davis, 2016).

Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. Elas sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor (hooks, 2010, s.p.).

As violências do sistema escravista impuseram às pessoas negras que adotassem a repressão dos sentimentos como estratégia de sobrevivência. Essa prática não se extinguiu com a abolição, o que influenciou os modos de viver e se relacionar; mais precisamente, desenvolveram-se barreiras emocionais (hooks, 2010).

Por consequência, “a escravidão criou no povo negro uma noção de intimidade ligada ao sentido prático de sua realidade. Um escravo que não fosse capaz de reprimir ou conter suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver” (hooks, 2010, s.p.). Dessa forma, as marcas

deixadas pela escravização atravessam gerações, dentro de uma lógica que alimenta os sistemas de opressão sobre o oprimido, como se pode identificar no racismo e no machismo.

Para Akotirene (2019), a coexistência do cisheteropatriarcado com o capitalismo e o racismo é responsável por modelar a experiência e a subjetividade desde a colonização até a atualidade. Em outras palavras, trata-se da inseparabilidade dos sistemas de opressão e de como a interseccionalidade (Akotirene, 2019; Collins, 2021) entre eles é capaz de interferir em nossas vidas.

Segundo Neusa Santos Souza (2021), as relações raciais funcionam de forma ambígua, pois, à medida que impõem limites e oferecem pequenas brechas para a ascensão social de pessoas negras, enfraquecem a solidariedade entre elas e fragmentam suas identidades.

Conforme Maria Nilza da Silva (2003), as mulheres negras vivenciam o que ela afirma ser uma extensão do período escravocrata, com poucas modificações: a realidade de carregar desvantagens sociais, ocupar o último lugar na escala social, possuir pouca ou nenhuma chance de ascensão e, muitas vezes, ter seus corpos desvalorizados.

De maneira semelhante, Werneck (2010) ressalta que as mulheres negras, como identidades e sujeitos políticos, são o resultado de uma combinação de heterogeneidades decorrentes de imperativos históricos, políticos e culturais, bem como de séculos de escravização, colonização e racialização. Além disso, enfrentam as condições adversas impostas pela modernidade e pelo domínio racista eurocêntrico.

Nesse contexto, evidenciando como a distribuição de recursos é marcada pela condição de gênero e raça, Tatiana Dias Silva (2013, p. 109) afirma:

O debate tradicional sobre as desigualdades de gênero não raro obscurecia a heterogeneidade dos grupos de mulheres, dando centralidade às questões enfrentadas pelas mulheres das classes dominantes. O reconhecimento da diversidade das experiências, especialmente a partir da introdução da variável étnica e racial, permitiu aproximações para incorporar, à perspectiva feminista, a complexidade da realidade das mulheres, dos papéis que assumem e das expectativas a elas direcionadas.

Como apresenta Lélia Gonzalez (1984), a interpretação dos efeitos do machismo e do sexismo será determinado a partir do lugar em que se está situado. Para ela, o racismo tem servido como uma base da estrutura da sociedade brasileira e, juntamente com o sexismo, produz efeitos violentos, vivenciados principalmente por mulheres negras.

Assim, mulheres negras são consistentemente vítimas de várias formas de violência, inclusive mental e física. Negligenciadas no âmbito da saúde, também são marginalizadas e negligenciadas nas políticas públicas de segurança e educação (Werneck, 2012).

Angela Figueiredo (2008) afirma que os corpos negros são desvalorizados, sua sexualidade é muitas vezes definida como animalésca e as mulheres negras nunca são vistas para amor, mas apenas para prazer. De forma semelhante, Sueli Carneiro (1995) afirma que, em nossa sociedade, as mulheres brancas representam os ideais estéticos, enquanto as mulheres negras são desvalorizadas socialmente em todos os níveis, inclusive esteticamente.

Alinhada a essa compreensão, Claudete Alves da Silva Souza (2008) observa:

Encontramos, assim, mulheres forras e livres, na sua grande maioria, solitárias, muitas vezes mães solteiras, como eixo central de seus lares e que, por não terem casado, seja por escolha voluntária, seja por dificuldades sociais ou por preterimento do parceiro, não vivenciaram uma condição de acesso social ou de estabilidade amorosa (Souza, 2008, p. 42).

Estariam as mulheres negras destinadas à solidão? Seria possível mulheres negras vivenciarem o amor? Mulheres negras podem ser amadas? Mulheres negras conhecem o amor?

Suas experiências são perpassadas pelo sentimento de solidão. A respeito disso, bell hooks (2010) afirma que muitas delas sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades que raramente é discutida em público. O amor retratado pela autora não se refere apenas ao romântico, vivido com algum(a) parceiro(a), mas ao sentimento presente nas relações familiares, comunitárias, conjugais ou o que ela chama de “amor interno”.

Como herança colonial, a mulher negra vivencia a dificuldade de demonstrar e receber amor, pautada na compreensão de que, ao permitir o contato com tal sentimento, se mostrará fraca ou, por muitas vezes, não merecedora. Nesse sentido, Fanon (2020) aponta que, enquanto houver o sentimento de inferioridade, será impossível vivenciar o amor de maneira autêntica.

No entanto, conforme Noguera (2020), o amor é algo vital para a sobrevivência humana. Para ele, a experiência de amar e a criação de laços é algo importante para manter-se em um mundo hostil. Então, o amor seria uma ferramenta fundamental para a vida das mulheres negras.

É possível essa experiência de amor para mulheres negras nos mais diversos âmbitos: no contexto familiar, nas relações afetivo-sexuais, nas amizades e na relação consigo mesmas. Como afirma Sobonfu Somé (2007), o amor é uma emoção de vivência coletiva, que envolve a compreensão das necessidades do outro e das suas próprias necessidades, algo que é construído no sentido de criar-se uma intimidade e cuidado com todos que compartilham dessa vivência.

Para hooks (2010), o amor também pode ter potencial de “cura” para as mulheres negras. Segundo a autora, quando elas experimentam a força transformadora desse sentimento, podem assumir atitudes capazes de mudar estruturas sociais que são, muitas vezes, motivo de sofrimento para elas mesmas, possibilitando um novo olhar diante da vida.

Com base nessas reflexões, a presente pesquisa levanta uma discussão acerca de um grupo social cuja vivência tem sido marginalizada desde os processos de colonização: as mulheres negras, indivíduos atravessados pela raça e gênero em uma sociedade historicamente racista e cisheterossexista que afirma que elas "não podem" vivenciar o amor, enquanto são perpassadas pelo vislumbre social do que seria amar e/ou ser amada.

Diante dessas considerações, parto da seguinte pergunta: A partir da identificação como mulher negra, como tem sido a vivência do amor?

A relevância deste trabalho se baseia na possibilidade de, através das narrativas, ampliar a percepção sobre a vivência amorosa de mulheres negras, de forma a contribuir com ações efetivas e afetivas para o grupo em questão. Assim, o objetivo geral é investigar, com base na identificação como mulher negra, como tem se dado vivência do amor entre as entrevistadas, a fim de discutir as representações do amor nas narrativas e identificar convergências e/ou divergências entre elas, tecendo diálogos com a literatura sobre o tema.

Para isso, esta pesquisa utilizará uma abordagem qualitativa, que opera com representações, crenças, hábitos, opiniões e estuda a complexidade de fenômenos, bem como ultrapassa o que é observável e pode ir além ao indicar conclusões e conceder significados ao comportamento (F. da Silva, 2010).

Tal abordagem é proposta tomando como alicerce perspectivas epistemológicas decoloniais (Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2020), pois os caminhos epistemológicos proporcionarão, além de uma coerência teórico-política e ética, a abrangência dos objetivos propostos, considerando os afetos, as relações e contextos sociais das mulheres que se dispuseram a contribuir com este trabalho.

Uma das vantagens do projeto acadêmico-político da decolonialidade reside na sua capacidade de esclarecer e sistematizar o que está em jogo, elucidando historicamente a colonialidade do poder, do ser e do saber e nos ajudando a pensar em estratégias para transformar a realidade. Contudo, um dos riscos envolvidos, sobretudo na tradição acadêmica brasileira, é de o projeto decolonial se tornar apenas um projeto acadêmico que invisibiliza o locus de enunciação negro, deixando de lado sua dimensão política, isto é, seu enraizamento nas lutas políticas de resistência e reexistência das populações afrodiáspóricas e africanas, indígenas e terceiro-mundistas (Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2020, p. 10).

Com base nesse chão metodológico, tomo como ponto de partida a escuta das narrativas de mulheres negras acerca do amor, reconhecendo a importância de suas falas para a compreensão de suas vivências, afetações ou percepções sobre o tema abordado, que constituem uma fonte de conhecimentos fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Por isso, adoto a entrevista narrativa como método.

As entrevistas narrativas se configuram como uma ferramenta não estruturada, que tem como objetivo o aprofundamento de aspectos específicos, dos quais emergem histórias de vida (Muylaert et al., 2014). Dessa forma,

as narrativas combinam histórias de vida a contextos sócio-históricos, ao mesmo tempo que as narrativas revelam experiências individuais e podem lançar luz sobre as identidades dos indivíduos e as imagens que eles têm de si mesmo, são também constitutivas de fenômenos sócio-históricos específicos nos quais as biografias se enraízam. As narrações são mais propensas a reproduzir estruturas que orientam as ações dos indivíduos que outros métodos que utilizam entrevistas. Dessa maneira, o objetivo das entrevistas narrativas não é apenas reconstruir a história de vida do informante, mas compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos informantes (Muylaert et al., 2014, p. 196).

As narrativas possibilitam a aproximação à experiência vivida, mantendo os valores e percepções contidas nas histórias apresentadas. Nesse tipo de entrevista, as narradoras não informam uma história, mas a contam, dando-me, na condição de pesquisadora, a oportunidade de escuta e transmissão na escrita conforme suas percepções. Dessa forma, a experiência é levada a maior amplitude (Dutra, 2002).

Além disso, este estudo alinha-se a Figueiredo (2020), que afirma, em diálogo com Collins, que a experiência é a base da epistemologia feminista negra. Logo, as experiências, aqui, são consideradas formas de conhecimento não apenas válidas, mas relevantes. Busco, assim, subverter a lógica hierárquica que alicerça uma história de epistemicídio na academia ocidentalizada, a qual, historicamente, se apropriou dos saberes negros e indígenas, reduzindo os sujeitos de suas produções à condição violenta de objetos de estudo.

A partir desse posicionamento epistêmico e epistemológico, realizei as entrevistas de forma remota e individualizada, por videochamada via Google Meet. No processo, fiz a pergunta inicial: “A partir da sua identificação como mulher negra, como você vivencia o amor na sua vida?”. Para fomentar as narrativas, formulei as perguntas subsequentes a partir das falas das participantes, gerando, assim, percursos distintos, algo que foi interessante para a pesquisa, pois ampliou as perspectivas sobre o tema.

SOBRE AS MULHERES NEGRAS QUE FALAM SOBRE O AMOR

A região Nordeste do Brasil configura o campo geográfico de realização da pesquisa, mais especificamente nas cidades de Recife (PE), Natal (RN) e Fortaleza (CE). A escolha por esses lugares se deu devido a minha trajetória. Fortaleza é o local em que nasci e vivi durante a maior parte da minha vida. Em 2021, mudei-me para Natal, onde mantenho residência. E Recife

é o lugar onde está situada a Universidade Federal de Pernambuco, instituição à qual estou vinculada como estudante de mestrado. As três cidades fazem parte da minha história, assim como baseiam minha experiência como mulher negra.

Para esta pesquisa, três mulheres foram entrevistadas, uma de cada cidade mencionada. Todas se autodeclararam negras (pardas ou pretas), são bissexuais e estão na faixa etária entre 21 e 30 anos. Entre elas, duas são cisgênero e uma é travesti. Como critérios para participação, além da autodeclaração como mulher (cis ou trans/travesti) negra (parda ou preta), foi definida a idade mínima de 18 anos, bem como a residência em uma das capitais que compõem o campo de aplicação desta pesquisa e a possibilidade de acesso à internet para realização da entrevista.

Para a condução da etapa de entrevista, foi divulgado um formulário on-line, por meio das redes sociais Instagram e WhatsApp, para que as interessadas pudessem realizar suas inscrições. A partir desse formulário, foram recebidas 44 inscrições, entre as quais 21 eram de Fortaleza, 16 de Natal e 7 de Recife. Um dado importante é que, do total de inscrições, somente uma delas era de uma pessoa não-cisgênero, no caso, uma travesti de Recife, o que mostra a limitação no alcance do formulário.

A partir do resultado das inscrições, foi realizada a seleção das possíveis entrevistas. Como primeiro critério, considerou-se a idade, então a pessoa mais jovem entre as inscritas foi escolhida. Dessa forma, chegou-se à entrevistada da cidade de Fortaleza. Seguiu-se, então, para as próximas capitais, mantendo o mesmo critério, mas com a intenção de selecionar uma participante de idade superior à primeira selecionada.

As inscrições das mulheres de maior idade foram de Recife. Embora atendessem a esse critério, mais um foi adotado, agora baseado na identidade de gênero. Por isso, foi escolhida a única inscrição de uma pessoa não-cisgênero, habitante da capital pernambucana, para garantir que a pesquisa contemplasse diferentes perspectivas sobre a temática.

Já na capital potiguar, ocorreu algo no mínimo curioso. Para a escolha da entrevistada de Natal, voltou-se ao critério da idade, na busca por uma participante com a idade superior às demais. Foram realizadas seis tentativas de contato com diferentes pessoas, mas algumas inscritas não quiseram participar da etapa de entrevista e outras não retornaram o contato. Somente na sétima tentativa houve o aceite, e assim a entrevista foi realizada.

Para garantir a integridade das participantes, os seus verdadeiros nomes foram mantidos em sigilo e substituídos. Curiosamente, todas optaram por não escolher seus nomes fictícios, repassando a mim essa escolha. Diante disso, optei por nomes de mulheres negras que ajudaram a construir a história da população negra brasileira.

Os nomes foram extraídos do livro *Heroínas Negras Brasileiras: em 15 cordéis* de Jarid Arraes (2020), são eles: Tereza de Benguela, que representará a participante de Fortaleza; Luísa Mahin, que representará a participante de Natal; e Eva Maria do Bonsucesso, que representará a participante de Recife.

Tereza, uma jovem estudante de 22 anos, de Fortaleza (CE), se autodeclara parda e mulher cisgênero bissexual. Está solteira e não participa de grupos de movimentação política do movimento negro ou afins. Ela se mostrou muito interessada na temática, pois é algo que vivencia nas suas relações e em que se aprofunda como campo de estudo.

Luísa, uma advogada de 30 anos, de Natal (RN), se autodeclara parda e mulher cisgênero bissexual. Está em uma união estável com uma mulher também cisgênero e não participa de grupos de movimentação política do movimento negro ou algo semelhante. Na nossa conversa, apresentou o amor como algo difícil de alcançar.

Eva, uma jovem assistente social de 27 anos, de Recife (PE), se autodeclara preta e travesti bissexual. Está solteira e é atuante nos grupos de movimento negro e de pessoas trans/travestis. Sua visão de amor é baseada em ações contínuas dentro das suas relações.

Este texto foi estruturado de modo que as narrativas obtivessem o devido protagonismo, dessa maneira, cada uma delas configura um capítulo. Além das entrevistas, ao longo dos capítulos há discussões sobre o tema do amor, assim como debates sobre temáticas adjacentes, como interseccionalidade, família, gênero e raça, e a identificação de convergências e divergências nas falas. Por fim, a pesquisa se encerra com as considerações finais.

2 TEREZA (FORTALEZA)

Na primeira entrevista, conversei com Tereza, uma jovem estudante de 22 anos, natural de Fortaleza, no Ceará, que se autodeclara parda e mulher cisgênero bissexual e que atualmente está solteira. Ela não participa de grupos de movimentação política do movimento negro ou algo semelhante, mas, durante a nossa conversa, falou de uma atuação bem presente em sua universidade. Para ela, o amor pode estar em lugares e formatos que talvez não sejam tão óbvios.

É interessante pontuar o que me motivou a convidar Tereza para essa conversa, já que tive várias respostas de mulheres de Fortaleza. Na verdade, o motivo é bem simples. Quando desenvolvi os critérios para selecionar as entrevistadas, um deles era a idade. Pensei como seria interessante ouvir narrativas de mulheres de diferentes idades. No caso de Tereza, ela foi a mais jovem da cidade. Então, pensei: “Como uma pessoa dessa idade pensa o amor? Como ela vivencia e o que ela poderia compartilhar comigo sobre suas experiências de amor?”.

Assim, lhe perguntei: “Tereza, a partir da sua identificação como mulher negra, como você vivencia o amor na sua vida?”

[...] Então, como eu só tenho 22 anos, né? Eu sou muito nova ainda nisso. E eu comecei minhas relações amorosas. Não sexual, né? Mas só amorosa. Com meus 16 anos e é tanto que eu *tirei* meu primeiro beijo com 16 anos, né? É... E foi com meu primeiro namorado. Então eu passei muito tempo namorando com esse rapaz. E ele é um homem negro, né? Esse é... foi meu primeiro namorado, então... em relação a isso, como era primeiro namoro... é, não tenho muito o que falar. Porque como era o primeiro namoro, aquela adolescência, né? É... a gente ainda mantém uma amizade até hoje [...]

Tereza dá início a sua narrativa relatando sua vivência amorosa a partir de experiências afetivo-sexuais, ou melhor, no início, ela nomeia as relações como apenas amorosas, pois, como ela mesma afirma, seu primeiro beijo foi aos 16 anos com seu primeiro namorado, um homem negro com quem ela ainda mantém uma amizade.

Essa é uma memória um tanto saudosista de quem pôde vivenciar a primeira experiência romântica sem foco na relação sexual, algo que, nas suas relações seguintes, ocorreu de forma diferente. Seguindo no relato das suas relações afetivas e agora também sexuais, Tereza relembra o seu segundo relacionamento, dessa vez com um homem branco, com quem manteve um relacionamento de dois anos, no qual afirma ter vivido um "relacionamento tóxico".

[...] meu segundo relacionamento foi com o homem branco e a gente passou por muito tempo e foi por um período de muito relacionamento muito tóxico. É, a ponto dele não deixar eu falar com outros homens, de me controlar mesmo, ou me tratar até com alguém que vai servi-lo, sempre, eu tinha que servir ou arrumar a casa, coisas. Muitas vezes ocorre né, por ser mulher, essas coisas que interseccionam, né? Assim é, e sempre a gente está disposta a servir, mesmo não estando a fim de fazer tal coisa, né? A noite (ele) tava a fim

de transar. Não sei se pode falar esses termos na pesquisa (risos), mas enfim, mas tinha que fazer para poder agradá-lo [...]

Como a própria Tereza sugere, temos aqui questões que, em dado momento, se encontram, ou melhor, se interseccionam. Para esclarecer a dinâmica dessa relação, usarei o conceito de interseccionalidade, criado pela jurista negra norte-americana Kimberlé Crenshaw na década de 1980. Atualmente, outras feministas negras têm se debruçado acerca dessa ideia, como Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) e a brasileira Carla Akotirene (2019).

O conceito de interseccionalidade foi desenvolvido com o propósito de descrever a complexa interação entre as formas de opressão – como, por exemplo, raça, classe, gênero, sexualidade, entre outras – e destacar como essas formas de opressão se influenciam mutuamente, criando diferentes experiências de discriminação para indivíduos ou grupos que estão em posições socialmente marginalizadas. Em outras palavras, o conceito de interseccionalidade declara que as experiências de discriminação ou desigualdade não podem ser compreendidas de maneira isolada, mas a partir da análise dos diversos sistemas de opressão. Como declara Akotirene (2019):

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (p. 19).

Procurei tornar o conceito minimamente entendido para explicar como faço uma leitura interseccional do relacionamento de Tereza. Nessa relação, é possível perceber uma dinâmica de controle e subserviência que também é experienciada por outras mulheres negras. Isso evidencia, conseqüentemente, uma dinâmica de poder com bases sexistas e racistas, as quais funcionam como sistemas de opressão que estruturam padrões de relações sociais.

Tereza consegue associar o que aconteceu nesse relacionamento com as opressões de gênero, ou seja, ela reflete sobre padrões de desigualdade baseados no gênero, nos quais nós mulheres somos historicamente colocadas em papéis de submissão. Porém, à luz da interseccionalidade, a identidade racial também opera dinâmicas opressivas nessa relação, já que se trata de um relacionamento interracial.

Conforme afirma Gonzalez (1982, p. 97), “ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão”. A autora considera tríplice a discriminação sofrida por mulheres negras a intersecção de raça, classe e sexo. Dessa forma, as ideias de Gonzalez (1982) ressaltam a complexidade das experiências de mulheres negras com base nos sistemas de opressão citados por ela e presentes no relato de Tereza.

É importante salientar que, ao trazer a raça como elemento de intersecção, refiro-me tanto à identidade racial do ex-parceiro de Tereza, um homem branco, quanto à dela, uma mulher negra, pois entendo que mulheres negras frequentemente têm suas vidas marcadas por estereótipos de subalternização e objetificação. Como afirma Carneiro (2011, s.p.), “fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto”, enquanto homens brancos exercem poder e relação de controle sobre corpos negros.

Refletindo desde os processos da formação sócio-histórica brasileira, Sueli Carneiro (2011) explica que as opressões de gênero e raça estão presentes na identidade nacional, como herança colonial, na América Latina e especialmente no Brasil:

No Brasil e na América Latina, a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional, estruturando o decantado mito da democracia racial latino-americana, que no Brasil chegou até as últimas consequências. Essa violência sexual colonial é, também, o “cimento” de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossas sociedades (s.p.).

Desse modo, é possível compreender que a intersecção de raça e gênero, aqui mencionada, serve como base para as hierarquias de gênero e raça presentes na sociedade, assim como pode moldar as estruturas sociais em suas diversas esferas de relações, articulando-se ao colonialismo e/ou ao capitalismo.

Para dar continuidade ao diálogo com Tereza, acrescento ainda uma consideração sobre a perspectiva interseccional adotada na análise dessa relação. Partindo do pressuposto da inseparabilidade estrutural entre opressão e exploração, não podemos descartar que outros sistemas de opressão também estão presentes, como, por exemplo, a classe social. Porém, enfatizo o gênero e a raça, pois foram os sistemas de opressão explicitados no relato de Tereza.

Nesse trecho da nossa conversa, Tereza ressalta que, na época desse relacionamento, ela ainda não tinha uma leitura racial, algo que começou a desenvolver com seu ingresso na universidade aos 19 anos (falarei mais à frente sobre isso). Nesse momento da sua vida, viu-se bloqueada emocionalmente e estava decidida a não focar em relacionamentos afetivo-sexuais. Ela ressalta que, assim como seus amigos, esse bloqueio emocional é percebido como uma forma de se assegurar de “não quebrar a cara de novo”.

Mesmo falando desse receio, Tereza se permitiu experimentar outras experiências afetivo-sexuais, mas se viu em relações com homens que a faziam se sentir não priorizada e desvalorizada. As falas desses homens, segundo Tereza, eram semelhantes, como: “não, eu não estou preparado para relacionamento” ou “não, eu acho que precisa expor, só o que a gente tem já está ótimo!”.

[...] Então, se quando eu procurava me relacionar com homens brancos, os homens brancos não queriam me assumir, eu sempre era escondida ou sempre era dentro do meu quarto. (Imitando a fala de alguém: “Ah, vamos ficar aqui”). Se fosse, sei lá, um rolê e até mesmo encontros, teria que ser longe do meu bairro. “ah, para ser uma coisa diferente”, (sorrindo) sendo que era a mesma coisa, né? Não podia andar de mão dadas, porque ninguém podia ver. E já quando eu me relacionava com os pretos já era totalmente diferente, já queriam me exhibir para me tratar como um troféu [...]

No paradoxo das relações afetivo-sexuais, Tereza seria, para homens brancos, a mulher a ser escondida, e para homens negros, a mulher troféu. Em ambas as relações, lhe é negado o direito sobre sua própria corporeidade, o que revela como muitas mulheres negras são objetificadas em algumas de suas relações, subjugadas à condição de mero objeto de prazer.

Nesse sentido, Figueiredo (2008) afirma que os corpos negros são desvalorizados, sua sexualidade é muitas vezes definida como animalésca e as mulheres negras nunca são vistas para amor, mas apenas para prazer. Em outras palavras, os corpos negros, especificamente as mulheres negras, frequentemente são desumanizadas nas suas relações e vivenciam a experiência de amar e ser amada negada, o que pode contribuir para percepções equivocadas de que as mulheres negras não são merecedoras de amor.

Tereza revela que, mesmo se sentindo um objeto nas relações que teve – situações que a levaram a acreditar não ser digna de ter um relacionamento e que, em muitos momentos, lhe geraram ansiedade –, se diz uma defensora do amor. Ela afirma, rindo, não ser aquela pessoa do discurso de ódio ao amor, mas sim que acredita que o amor é um sentimento e uma ação. Mas o que faria Tereza ainda acreditar no amor? Vamos seguir a nossa conversa e, talvez, mais à frente, ela possa nos responder essa pergunta.

Nas relações mencionadas por Tereza até aqui, ela tem a percepção de que se doa e não tem um retorno da mesma maneira. Os relacionamentos citados foram com homens, e Tereza, em uma de suas respostas no formulário de inscrição para esta pesquisa, se afirmou como uma pessoa bissexual. Então, tive a curiosidade de saber se ela teve essa mesma percepção nas experiências com outros gêneros com os quais já se relacionou. Ela responde:

[...] agora, com mulheres, é totalmente diferente! Com mulheres eu me sinto totalmente segura ao ponto de não ter medo da reação dela ao falar sobre meus sentimentos e se eu sempre me sinto acolhida, seja para amizades... é tanto que quando eu falo de amor, é para além dos relacionamentos, né? Agora, mudando um pouco a linha... E foi aqui na minha universidade também, que eu entendi o que é amor também. Que é, eu conheci o amor, porque antes eu não conhecia isso. E foi com minhas amigas, minhas amigas da faculdade e eu também comecei a valorizar o amor que eu recebia por elas também. Além desse amor romântico, né? [...]

Achei curioso o modo como Tereza reflete e experimenta essas relações, conseguindo nitidamente diferenciar como são os seus afetos com mulheres e destacando uma percepção de amor para além dos relacionamentos ditos românticos. Um outro ponto interessante da sua fala é a descoberta do amor na universidade, o que sugere uma experiência transformadora na sua relação com as amigas, pois através delas conseguiu aprender mais sobre o amor e valorizar a presença desse sentimento nas suas amizades.

Em uma recente tradução de escritos de bell hooks (2024), a autora apresenta pelo menos duas discussões que acho pertinentes para esta discussão. A tradução à qual estou me referindo é o livro “Comunhão: a busca das mulheres pelo amor”, lançado em 2024. A primeira discussão que acredito ser relevante é uma parte de capítulo em que ela discute o amor para mulheres lésbicas. Entretanto, a princípio, ressalto minha opinião de que nem todas as mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres são lésbicas, como no caso de Tereza, que se entende como uma mulher bissexual.

Ao falar do relacionamento entre mulheres, a autora destaca que elas estão indo contra as expectativas impostas pela sociedade, especialmente quando se trata da naturalização do relacionamento romântico. Em particular, devido ao fato de socialmente as relações ainda serem analisadas a partir de uma lógica heteronormativa. Em outras palavras, as mulheres, ao se relacionarem com outras mulheres, estão enfrentando uma cultura que, em diversas situações, tem ensinado que os relacionamentos devem reproduzir uma hierarquia de poder entre os gêneros. Em vez disso, essas mulheres têm optado por manter relações mútuas e de reciprocidade entre elas (hooks, 2024a).

Sob essa perspectiva, o rompimento com as narrativas românticas “tradicionais” tem proporcionado às mulheres – nesse caso, em Tereza – a possibilidade de vivenciar novos modelos de relacionamento e de criar suas formas de conexão e vivência amorosa. Tereza continua:

[...] eu percebi que eu posso ser amiga, amiga das mulheres e ao mesmo tempo, se eu romper aquele relacionamento, eu ainda continuo sendo amiga delas, diferente de homens, né? O que eu me sinto, ainda assim, insegura se eu termino meu relacionamento com fulano de tal. Eu ainda me sinto insegura por achar que eu ainda vou ser magoada por aquele rapaz, mas as minhas... as meninas que eu me relacionei, eu não sinto essa insegurança, eu ainda sou amiga. Converso, é muito de boa, muito tranquilo. Eu me sinto assim... acho que é segura mesmo a palavra. Você sente que é amor [...]

Quanto a isso, bell hooks (2024a) afirma ser possível, inclusive, que mulheres busquem se relacionar com outras mulheres na expectativa de compartilhamento e proximidade emocional. A confiança na capacidade do relacionamento de propiciar essas conexões

emocionais tem contribuído para fortalecimento desses laços afetivos. Logo, parece fazer sentido quando Tereza fala de uma segurança ao se relacionar com mulheres, de compartilhar seus sentimentos com elas, de parecer se sentir confortável e confiante no acolhimento delas. Em resumo, isso nos revela uma certa facilidade de se relacionar com mulheres, acreditando que essas relações podem ultrapassar a compreensão de um amor romântico.

Nesse ponto, chegamos à segunda discussão que bell hooks (2024a) propõe em seu livro. Refiro-me à ideia de “amizades românticas”, que a autora afirma ser a possibilidade de construção de um amor duradouro. Ela ressalta que

amizades românticas diferem de outras formas de amizade precisamente porque as partes envolvidas reconhecem que existe uma dimensão erótica em seu vínculo passional e reconhecem que ela age como uma força energética, intensificando e aprofundando os laços (hooks, 2024a, p. 246).

Essa presença da dimensão erótica não significa envolvimento sexual, mas uma energia que aprofunda a intimidade. Acredito que isso pode contribuir para uma disponibilidade ao compromisso e um maior envolvimento emocional para esses laços afetivos.

Curiosamente, uma outra intelectual negra propõe o erótico como força que proporciona um experimentar de sentimentos de forma mais profunda, Audre Lorde (2019), que detalha essa ligação com o erótico como algo vital para a vivência das mulheres. Ela comenta:

O erótico, para mim, opera de várias formas, e a primeira delas consiste em fornecer o poder que vem de compartilhar intimamente alguma atividade com outra pessoa. Compartilhar o gozo, seja ele físico, emocional, psíquico ou intelectual, cria uma ponte entre as pessoas que dele compartilham que pode ser a base para a compreensão de grande parte daquilo que elas não têm em comum, e ameniza a ameaça das suas diferenças (Lorde, 2019, p. 70).

Diante disso, é notável que tanto bell hooks (2024a) quanto Audre Lorde (2019) acreditam na possibilidade de aproximação e criação de intimidade que ultrapassam o relacionamento sexual, ou melhor, elas enfatizam que seria limitante vincular a capacidade de conexão íntima a uma experiência meramente sexual.

Para a própria bell hooks (2024a), essa não centralização das relações a partir de uma intimidade sexual surge como um confronto ao patriarcado e à heteronormatividade, já que essas bases de opressão sustentam a ideia de que só é possível construir laços íntimos e duradouros com alguém a partir das relações sexuais.

Na narrativa de Tereza sobre suas relações com mulheres, é perceptível a presença dessa capacidade de conexões. Ela relata a presença dessa intimidade compartilhada, sentindo-se confortável e disponível para manter essas relações de amizade.

hooks (2024a) salienta que o objetivo das amizades românticas é de “criar vínculos dentro de um círculo de amor, de afetos profundos e duradouros que sejam mais inclusivos do

que excludentes” (p. 253), algo que Tereza parece estar bem disposta a construir nas suas relações. E como ela mesmo apontou em sua fala, a construção desses laços tem uma ligação direta com sua vivência na universidade.

Então, para darmos continuidade à narrativa de Tereza, partiremos para a sua vivência na universidade não só como espaço de estudos, mas como um espaço que lhe possibilitou experienciar suas relações de amizade e, segundo ela, conhecer e vivenciar o amor.

2.1 A UNIVERSIDADE COMO UM LUGAR DE AMOR?

[...] Como eu falei da universidade, é onde eu mais fico, mas eu passo muito tempo na universidade (rindo) e a gente tem um olhar... é a universidade adoce muito a gente, é tanto que é muito difícil perceber onde está o amor ali. E esse é o meu desafio todos os dias ali. Onde é que eu vou perceber o afeto na universidade? É tanto que eu estou estudando sobre, estou achando isso, né? Tentando procurar isso. E aí quando eu saí de dentro e comecei a olhar por fora, eu comecei a perceber que está no simples fato de almoçar juntos, no caso, com minhas amigas, né? É almoçar, a gente conversando dentro do ônibus, voltando da faculdade [...]

Tereza faz menção à universidade como um ambiente que pode oferecer impactos nocivos à saúde mental dos estudantes, questão que, talvez, até dificulte a percepção de amor dentro do contexto universitário. Ainda assim, ela parece realizar uma busca ativa por relações significativas na universidade. Logo, permite-se vivenciar o amor nas interações simples do dia a dia, mesmo possuindo um ambiente desafiador como pano de fundo.

Nesse ponto, quero abordar o contexto universitário no qual Tereza está inserida, que tem características comuns a outras universidades, mas também oferece particularidades que podem ser fatores importantes para sua vivência afetiva.

Como consta do site da própria instituição, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) é uma instituição vinculada ao Ministério da Educação da República Federativa do Brasil. Criada pela Lei nº 12.289 em 2010, tem sede na cidade de Redenção, no Ceará.

A instituição tem como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional.¹

¹ UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA. Disponível em: <https://unilab.edu.br/institucional-2/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

Essa integração com países africanos permite a Tereza o contato com costumes e visões de mundo diferentes das que já conhece no contexto brasileiro. Isto é, permite uma vivência universitária mais ampla, para além das paredes da própria instituição, algo mais vinculado às relações interpessoais.

[...] aqui tem muita festa, né? Da faculdade, mas assim, fechada que eu digo, temáticas de cada país. Às vezes tem festa de Guiné-Bissau. E aí é muito perceptível assim explicitamente a união e a comunidade que existe entre iguais, né? Você percebe que não há violência, não há o olhar do ódio, sempre há a comunhão. Tem muitas mães aqui na universidade e a gente percebe que também há uma comunidade, um amor mesmo, um afeto, um acolhimento entre essas mulheres que são mães, pais também, e eu percebo muito, principalmente, em casa, que a gente faz muitos aniversários aqui também, e aí os aniversários, né? Aqueles aniversários com bolinho e todo mundo e se torna uma festa com todas as nossas nacionalidades [...]

Nesse contexto, Tereza relata que, por conviver com muitas comunidades africanas, conseguia perceber e vivenciar o que nomeia como *afro-afeto*, uma forma de afeto que não conseguia perceber no Brasil. Esse é um conceito trabalhado pela pesquisadora Marta Quintiliano (2019) e consiste em um movimento, uma tentativa de união, um enfrentamento aos anos em que fomos castigados pela sociedade racista. Quintiliano (2019) explica:

O afroafeto é a aceitação e disposição à solidariedade emotiva, uma aproximação pelo amadurecimento político e o reconhecimento que as variadas e históricas formas de opressão foram enfrentadas historicamente por uma rede de resistência que se fortalecia e se fortalece, sobretudo pelo afeto, acolhimento, cuidado e respeito. Trata-se do vínculo identitário que abraça a ancestralidade, a fraternidade e a empatia entre negras, indígenas e quilombolas (p. 86).

A partir disso, é possível compreender o olhar de Tereza para essas relações construídas no espaço acadêmico. Com base em sua narrativa, consigo perceber esse espaço universitário como um lugar em que a diversidade cultural é valorizada, não porque isso esteja nas diretrizes da instituição, mas sim pela própria mobilização dos estudantes, pela disposição de fortalecerem os laços comunitários de afeto e apoio. As festas mencionadas por ela são, a meu ver, a forma de celebração desses encontros multiculturais. Mas esse movimento de apoio acontece em outros momentos, como a própria Tereza explica:

[...] São várias outras linguagens de amor e outras formas de amor que eu não percebia antes... Essa comunhão que dá. Eu moro num prédio, e aí todo mundo se conhece, compartilha, como se fosse uma família mesmo, de verdade. Todo mundo se conhece, todo mundo conversa, não tem essa questão de competição de: “eu sou melhor do que você” e aqui a gente está na universidade. “Eu preciso ser melhor do que você para conseguir tal bolsa”, não, mesmo se tiver um edital com bolsa de 3 vagas, há uma comunhão ali de no caso, eu acho que ato de amor. Acho que eu definiria assim, né? De ajudar um ao outro para conseguir a bolsa [...], mas aqui também a gente tem mutirão de ajudar um ao outro em questão de trabalho acadêmico, é tanto que eu participo desse mutirão, né? Eu sempre estou disposta e disponível a ajudar minhas amigas a

qualquer coisa de trabalho, assim como elas estão também... às vezes eu estou, às vezes eu não estou, aí, às vezes uma outra está, né? Uma outra colega está disponível para ajudar uma amiga que precisa ajustar o TCC. Então acho que nessas ações assim do cotidiano universitário, que é bom demais e eu estou inserida, eu consigo perceber bastante, esse amor também [...]

Contrariando a imagem de competição que pode existir em espaços acadêmicos, Tereza ressalta o apoio mútuo presente no ambiente comunitário em que vive. Mesmo em situações em que o individualismo poderia prevalecer, a comunidade se une para uma colaboração em conjunto. Em outros momentos de nossa conversa, Tereza destaca a sua percepção de que o amor pode estar presente nas ações cotidianas, como na ajuda oferecida a um colega para realizar um trabalho acadêmico, nas ações do cotidiano ou mesmo no oferecimento de suporte emocional quando necessário.

No capítulo “Comunidade: uma comunhão amorosa” do livro “Tudo sobre o amor”, bell hooks (2021) nos convida para uma reflexão sobre a construção de amor, mais especificamente, sobre quando não o encontramos nas nossas famílias de origem. Ela sugere a possibilidade de construção de amor nas amizades, chamando-as de amizades amorosas. Segundo ela:

Se não experimentamos o amor em nossas famílias estendidas de origem (o primeiro âmbito de comunidade que nos é oferecido), o outro âmbito onde as crianças, em particular, têm oportunidade de construir uma comunidade e conhecer o amor é no da amizade. Uma vez que escolhemos nossos amigos, muitos de nós, da infância à vida adulta, temos nos voltado para eles em busca de carinho, respeito, conhecimento e do empenho geral para promover o nosso crescimento que não encontramos na família (bell hooks, 2021, p. 165).

Então, faz-se necessária a compreensão de que, devido a diversos fatores, como distanciamento emocional ou divergência na relação, a família nem sempre será o lugar onde poderemos experimentar o que é o amor.

Nesse sentido, a autora fala da experiência de amor nas amizades como espaço seguro no qual se pode experimentar pertencer a uma comunidade de pessoas que se importam com seu bem-estar e te apoiam. O que me parece ser algo semelhante com que Tereza descreve sobre suas relações de amizade, já que, em alguns momentos, ela menciona o sentimento de pertencimento e conexão com essas pessoas.

Vejo como aspecto central das amizades amorosas a possibilidade de viver em comunidade. Ao estarmos em comunidade, podemos receber apoio e oferecê-lo e aprender a respeitar as diferenças entre nós e a experiência de cada um, tendo como finalidade cuidar uns dos outros e nutrir laços de amor duradouros (hooks, 2021).

Se no tópico anterior apresento as amizades românticas como a possibilidade de mulheres vivenciarem o amor para além das relações afetivo-sexuais, e nesse ponto falo de amizades amorosas como a oportunidade de pessoas experimentarem o amor não encontrado

nas suas relações primárias, parece-me que essas duas representações se convertem quase em um complemento uma da outra.

Veja. Como hooks (2021) afirma, muitos de nós crescemos acreditando que a nossa primeira experiência amorosa será com a nossa família e ou nos futuros relacionamentos amorosos, como o casamento. Quando isso não acontece, nos sentimos perdidos ou sozinhos, não é mesmo? Mas, se existe a chance de construir uma conexão emocional com uma pessoa a ponto de nos sentirmos fortalecidas ou de esse vínculo ser capaz de ser experimentado por um grupo, possibilitando sentirmos pertences a uma comunidade, então podemos considerar que tanto as amizades românticas quanto amorosas nos surgem como campos férteis para a experiência de amor.

Como a própria Tereza ressalta, isso pode, em muitos momentos, parecer apenas uma romantização dessas relações, mas, apesar das violências estruturais, ela consegue perceber que junto desses amigos existe resistência, de forma que o amor pode ser algo coletivo e compartilhado por eles.

2.2 “AMOR ESPECÍFICO DE SENTIMENTO E AÇÃO FAMILIAR PODE SER MUITO COMPLICADO [...]”

[...] Acho que sim, com certeza. Existem vários tipos de amor. Eu acho que são coisas que... é muito difícil. Eu acho que o amor é uma ação, né? Então, o amor específico de sentimento e ação familiar pode ser muito complicado. É tanto que eu posso confirmar isso. É muito complicado! (sorriso) [...]

Como Tereza sugere existir uma complexidade quando o assunto é família, cabe aqui uma breve contextualização da sua dinâmica familiar. Ela é fruto de uma relação interracial de um pai negro e uma mãe branca, e tem duas irmãs mais velhas que, assim como sua mãe, também são mulheres brancas. Seus pais são divorciados e moram em lugares distantes dela.

Ela compartilha que existem muitas percepções que não conseguia ter durante a infância, como, por exemplo, a de quanto sua mãe trabalhava para sustentá-las e como seu pai foi ausente em sua vida. Essas e outras percepções conseguiu alcançar já na maior idade, quando leu Grada Kilomba.

[...] Eu fui ler Grada Kilomba e ela vai falar muito sobre esta questão de ter sua mãe branca, às vezes, ou o pai branco, que a gente vai perceber depois essa questão do preterimento, né? Do excluir, que eu acho que foi isso que incentivou, eu me afastar tanto da minha família, no caso, eu falo da minha família nuclear, tipo pai, mãe e irmãs? E minha mãe nunca ligou de cuidar do meu cabelo, nunca ligou em me vestir e sempre cuidou mais das minhas irmãs que, no caso, são brancas, né? Só eu puxei mais pro meu pai e aí sempre é por elas que tem cabelo liso, eu tinha que alisar o cabelo pra ficar com cabelo liso, pra poder ficar igual as minhas irmãs que têm cabelo liso [...]

A dinâmica familiar apresentada por Tereza indica a complexidade vivenciada por ela ao ser criada numa relação interracial, evidenciando conflitos emocionais e familiares. Isso despertou uma sensação de preterimento em relação às irmãs brancas, que a forçou a se adequar a padrões de beleza que corroboram o sentimento de preterimento sentido por ela.

Grada Kilomba (2019), em seu livro “Memórias da Plantação”, disserta acerca do racismo vivenciado no âmbito familiar, salientando que, na relação composta por pais brancos e filhos negros na qual exista a negação de aspectos que formam a identidade negra, bem como a idealização do branco, o sujeito negro é forçado a se identificar com a branquitude, ou seja, o sujeito negro é conduzido a ter uma percepção de si tendo o outro (branco) como ideal.

[...] Então sempre tem essas coisas que me faziam ficar chateada, mas não pode falar, porque você tem que respeitar os pais. Sempre tem essa questão do “ah, você é mais nova, se você fizer isso, você é rebelde!”. E aí chegou um certo ponto de eu ser... até hoje dizem que eu sou “a rebelde da família”, por eu nunca ficar próxima, mas aí meus pais se separaram e meu pai foi embora. E minha mãe também foi embora também, foi embora para o Rio de Janeiro e meu pai foi embora pro interior do Ceará. Aí eu fiquei sozinha no mundo (rindo). Eu morei sozinha por um tempo e aí eu era muito afastada das minhas irmãs por conta disso de sempre separarem a gente por a gente ser diferente [...]

Nesse ponto da conversa, Tereza ressalta como a ausência de escuta e compreensão das diferenças e a invalidação da sua própria identidade, a colocaram no lugar de rebelde ou distante da família. Curiosamente, no livro “A cor do amor”, que aborda características raciais, estigmas e socialização em famílias negras brasileiras, Elizabeth Hordge-Freeman (2018) explica como uma socialização racial negativa nas famílias pode interferir significativamente, sobretudo na vida das mulheres. Em suas palavras:

Pesquisas sugerem que a socialização racial negativa dentro das famílias pode conduzir a uma "realidade simbólica alienante" e à "fragmentação da identidade", especialmente entre as mulheres. Essas experiências podem levar uma mulher a assumir ativamente uma identidade negra, mas também podem levar mulheres e homens a buscarem uma trajetória de distância racial e o abandono da própria família e até mesmo dos filhos. Esta trajetória é mais comum do que o caminho para o ativismo racial e de gênero (Hordge-Freeman, 2018, p. 134-135).

Para a autora, a reprodução de estereótipos raciais advindos de pessoas da própria família pode contribuir para um sentimento de desconexão e distorção de sua identidade racial e cultural. Dessa forma, o processo de afirmação de identidade se torna complexo à medida que muitas mulheres podem se perceber divididas entre a tentativa de se encaixar nas expectativas de suas famílias, com a finalidade de manter seus laços, e a necessidade de afirmação de identidade racial, que, em muitos casos, pode causar rompimento dessas relações.

Vale lembrar que, em uma de suas falas, Tereza, afirma ter iniciado a sua compreensão racial apenas aos 19 anos, mas, quando chegamos a esse ponto do diálogo, podemos perceber que a hierarquização de raça está incluída em suas relações antes disso, pois, na socialização familiar de Tereza, podemos compreender que a idealização do branco conduz essa e outras relações, mesmo que não se tenha uma consciência racial.

Aqui, tentarei explicar minha colocação anterior. Tomarei como base os estudos de Sílvio de Almeida (2020) sobre racismo estrutural, nos quais ele apresenta uma compreensão de como a raça e o racismo se organizam e se estruturam na relação social. Para entendermos como o racismo opera, precisamos compreender que raça é um conceito construído com base na hierarquização social, criado com a intenção de instituir a existência de grupos inferiores a outros como forma de organização e manutenção de poder. A partir disso, o autor descreve o racismo da seguinte maneira:

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes e inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (Almeida, 2020, p. 32).

Conforme o autor, essa natureza sistêmica da discriminação, que reúne tanto atitudes individuais e/ou coletivas quanto conjuntos de práticas e crenças que sustentam a desigualdade racial, estão enraizados na nossa sociedade. Em outras palavras, o racismo está entranhado na estrutura da sociedade.

Desse modo, a sociedade já se estrutura racialmente antes mesmo da compreensão individual do sujeito, ou seja, na forma como este sujeito será socializado já está embutida a racialização ou o lugar social que ele ocupa. Com isso, quero dizer que a leitura racial de um sujeito é feita pela sociedade antes mesmo da sua própria afirmação racial. Sendo assim, as relações, inclusive as familiares, serão afetadas por essa organização social.

No caso de Tereza, essa compreensão se faz necessária, pois, quando ela narra que sua consciência racial aconteceu aos 19 anos, isso não significa que suas relações já não fossem afetadas por essas dinâmicas sociais antes da sua afirmação racial. Mas, ao se identificar como uma mulher negra, ela se possibilita identificar e a dar nome às violências sofridas, assim se torna possível pensar e agir diante delas.

Retomando a discussão a respeito da relação familiar de Tereza, já podemos compreender que a socialização familiar sofre uma influência a partir da racialidade dos membros da família, mas observo que essa dinâmica é perpassada por outros sistemas de organização social. Para exemplificar melhor, partirei da seguinte fala:

[...] minha mãe sempre teve que trabalhar pra sustentar a gente, né? E meu pai também não foi nada presente[...]

A partir dessa fala e do que Tereza já nos contou até aqui, sabemos que ela vem de uma família constituída por mãe, pai e irmãs, sendo Tereza a filha mais nova. Essa configuração é algo que vem no nosso imaginário quando pensamos em família, não é mesmo? Essa noção de família não é a única existente, no entanto, essa compreensão, que algumas autoras chamam de família nuclear (Cúnico; Arpini, 2014; Bento, 2012; Oyěwùmí, 2004), é baseada em na concepção de família construída a partir de uma visão branca, burguesa, europeia, cristã e cisheterocentrada, que pode trazer contornos complexos e reproduzir desigualdades nas relações familiares.

Tal modelo (pai, mãe e filhos) surge juntamente com a classe burguesa do século XVIII, tendo como características uma relação amorosa do casal (cis heterossexual), a união como algo benéfico para os filhos, a maternidade como algo a ser valorizado e a diferenciação dos papéis de homens e mulheres (Cúnico; Arpini, 2014).

Baseado em uma relação binária (homem e mulher) e cisheteronormativa, essa noção de família delimita quais são os papéis a serem desempenhados por cada membro da família a partir da lógica de gênero, ou seja, as mulheres são mantidas em funções de cuidado – seja com a casa ou com os filhos, mantidas longe da possibilidade de exercer funções intelectuais –, enquanto os homens são vistos como os provedores e responsáveis pelas decisões familiares (Cúnico; Arpini, 2014).

Fica nítido que, no funcionamento dessa organização de família nuclear, a rigidez dos papéis a partir de um percepção de hierarquização do gênero trata como algo natural a subalternização das mulheres em relação aos homens. Ressalta Oyěwùmí (2004):

A família nuclear é uma família generificada por excelência. Como uma casa unifamiliar, é centrada em uma mulher subordinada, um marido patriarcal, e as filhas e filhos. A estrutura da família, concebida como tendo uma unidade conjugal no centro, presta-se à promoção do gênero como categoria natural e inevitável, porque dentro desta família não existem categorias transversais desprovidas dela. Em uma família generificada, encabeçada pelo macho e com dois genitores, o homem chefe é concebido como ganhador do pão, e o feminino está associado ao doméstico e ao cuidado (p. 3-4).

Essa generificação da família contribui para padrões normativos que influenciam a sociedade ocidental, pois, conforme a autora, esse modelo não é universal e sim uma forma específica euro-americana. Nesse mesmo sentido, Bento (2012) afirma que essa idealização de família com divisões de tarefas a partir das diferenças sexuais, da imagem de lar como lugar de conforto sem conflitos, não condiz com a realidade e tem como função restringir a concepção de família a partir de uma norma heterossexual.

Outra imagem recorrente constroi a família como a materialização da soberania da natureza: um homem e uma mulher, dando continuidade à espécie. A complementaridade perfeita. Seria na heterossexualidade que essa instituição encontraria sua coerência e unidade (Bento, 2012, p. 275).

Essa concepção de família centralizada numa ordem biológica de relação binária heterossexual ignora a possibilidade de concepção de outras organizações familiares. Atualmente, “a família nuclear coexiste com uma gama de outros arranjos familiares ricos em complexidade, tais como as famílias homoparentais ou homoafetivas, famílias monoparentais, famílias recompostas ou reconstituídas” (Cúnico; Arpini, 2014, p. 38). Dessa maneira, a fala de Tereza nos confronta com uma configuração familiar na qual sua mãe adquire o papel central, ocupando o lugar de cuidadora e principal responsável pela manutenção financeira da família. Por esse papel desempenhado pela mãe de Tereza e por outras mulheres, são nomeadas como “chefes de família” (Pinto et al., 2011; Cúnico; Arpini, 2014).

Ao falarmos de mulheres que ocupam esse lugar de chefes de suas famílias, nos deparamos com mulheres sobrecarregadas, que em muitos casos exercem diversas jornadas de trabalho dentro e fora de seus lares. Algo a se considerar é que “famílias chefiadas por mulheres são em grande parte decorrentes de uma gravidez precoce ou indesejada, instabilidade familiar e abandono” (Pinto et al., 2011, p.169).

Não quero, com isso, fazer especulações da vida familiar de Tereza, mas, quando se refere ao pai como “ausente”, podemos associar a situação ao abandono das suas funções paternas, inclusive aquelas fundamentadas no modelo de família nuclear que debatemos. Ao constatar isso, podemos compreender que um modelo de família estruturado por sistemas sociais que favorecem a opressão e a desigualdade pode ser um fator determinante na forma como o amor é vivenciado e compreendido.

Diante da complexidade da relação familiar apresentada por Tereza, ela vê na relação com as irmãs a possibilidade de construção de uma relação familiar mais tranquila e amorosa.

[...] A gente só conseguiu perceber que a gente precisava se unir quando a gente não tinha mais ninguém. Aí a gente começou a ter essa união, né, de “vamos parar de brigar, porque agora a gente já está com... eu já tinha quase 18 anos e elas já eram mais velhas, né? Eu sou a mais nova, então agora a gente vai parar de brigar, porque agora a gente não tem mais mãe aqui no Ceará, o nosso pai não tava nem aí pra gente, né? [...]

Ao perceberem a ausência dos pais e que os conflitos entre elas poderiam ser superados, Tereza e suas irmãs possibilitaram uma nova dinâmica de relacionamento, entendendo que existia uma necessidade latente de união diante da realidade familiar que dividiam.

É possível pensar que suas experiências na universidade de reconhecimento e vivência de amor puderam ajudá-la a experimentar uma nova perspectiva de relação com suas irmãs,

possibilitando-a enxergar o amor nas pequenas atitudes do dia a dia, assim como nas suas amizades amorosas da faculdade.

[...] aí a gente começou a perceber que precisamos se unir por conta disso. E aí a gente começou até hoje, a gente está aumentando mais ainda, nossa união e eu só fui perceber e conseguir também falar te amo, “eu te amo”. Vou dizer que perceber o amor entre a gente agora do ato da até como falei, né? Do dividir a comida e eu só consegui perceber agora, porque eu percebi as formas de amor aqui na universidade e quando eu estou presente com minha irmã, e a gente já fazia isso há muito tempo[...] eu me sinto em paz com minhas irmãs, por não brigar por conta de biscoito, por conta de uma roupa e a gente consegue compartilhar tudo sem ter aquela rivalidade de irmã e é muito bom [...]

Penso que, ao entrarmos em contato com a narrativa de Tereza sobre a sua dinâmica familiar, podemos perceber que a idealização de família nuclear que sempre é carregada de sistemas de opressão e reprodução de estereótipos sociais podem acarretar dinâmicas de violência, conflitos e distanciamentos entre os membros da família. Segundo hooks (2021):

Em famílias funcionais, os indivíduos encaram conflitos, contradições, tempos de infelicidade e sofrimento, assim como nas famílias disfuncionais; a diferença está em como essas questões são confrontadas e resolvidas, em como todos lidam com momentos de crise (p. 239).

Curiosamente, pude pensar um pouco sobre a minha família. Pensei em conflitos que tive com alguns parentes, pois muitos desses atritos causaram distanciamentos que hoje avalio como um movimento necessário para meu bem-estar, assim como pude perceber que, dentro da minha dinâmica familiar, tive a oportunidade de reavaliar algumas relações e me disponibilizar para elas da maneira que eu considero ser possível.

Portanto, considero, a partir das narrativas de Tereza e das outras entrevistadas (que veremos mais à frente), das minhas escutas como psicoterapeuta e da minha própria vivência, que podem existir diferentes contextos e dinâmicas familiares. Enfatizo que, ao falarmos de relações reais, ou seja, fora do campo de idealização, nos deparamos com conflitos, expectativas e dificuldades, mas podemos também entrar em contato com relações amorosas.

2.3 EU ME SINTO AMADA QUANDO [...]

Em mais de uma oportunidade, Tereza reafirma que sua compreensão de amor está diretamente ligada a atitudes, ou melhor, a ações de cuidado e compromisso com as pessoas e relações às quais se dispõe. Essa visão sobre o amor se assemelha a algo que bell hooks (2021) pontua sobre amar verdadeiramente. Tal semelhança não é estranha, já que Tereza é uma profunda admiradora da autora e fez questão de salientar o quanto já aprendeu com seus ensinamentos. “Para amar verdadeiramente, devemos aprender a misturar vários ingredientes –

carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta” (hooks, 2021, p. 47).

Tereza nos conta:

Eu me sinto amada quando eu estou no meu momento de desespero e quando eu vou desabafar com alguém, no caso do meu ciclo, seja de amigos ou romântico, familiar e a pessoa me escuta, eu me sinto amada também no ato de quando eu estou com fome. Aí a pessoa está “tome aqui, ó, eu vou comprar aqui um bolo pra ti”. Eu também me sinto amada quando alguém me põe pra cima, no caso, me motiva, né? “Ah, não desiste, faz isso, faz aquilo”. No caso, me põe no eixo quando eu estou confusa em certas decisões da minha vida e na questão eu me sinto amando quando eu me dou, no caso, quando eu faço algo para alguém, no caso de ação [...]

Portanto, os ingredientes citados por hooks (2021) como elementos importantes para uma verdadeira experiência de amor estão presentes nas falas e vivências de Tereza, inclusive quando ela fala sobre como se sente amada.

3 LUÍSA (NATAL)

Nesta segunda entrevista, conversei com Luísa, uma advogada de 30 anos de Natal, no Rio Grande do Norte, que se autodeclara parda e mulher cisgênero bissexual e que atualmente está em uma união estável com uma mulher também cisgênero. Ela não participa de grupos de movimentação política do movimento negro ou algo semelhante.

Com idade superior às demais entrevistadas, Luísa apresenta a relação familiar – em especial as mulheres da sua família (mãe e avó) – como aspecto central que norteia as suas percepções de raça, sobretudo o racismo identificado nas suas dinâmicas sociais, o qual afeta diretamente as suas relações, inclusive amorosas. Assim, partiremos da mesma pergunta inicial:

Luísa, a partir da sua identificação como mulher negra, como você vivencia o amor na sua vida?

Bem, assim, se for ter uma ideia geral, né? Desde o início nunca foi algo tão fácil. Eu lembro de na infância lutar muito por amor, por exemplo, na escola. A questão da afetividade sempre esbarrou em um racismo que eu não reconhecia quando era criança, mas que, ao longo da vida, quando eu fui refletir, na minha cabeça não existia outro motivo que não esse [...]

Luísa dá início a nossa conversa expressando como, desde sua infância, enfrentou dificuldades para se relacionar amorosamente, principalmente no contexto escolar. Ela consegue identificar o racismo como causa de sua dificuldade para construção de laços. Esse é um entendimento que não aconteceu na infância, mas sim ao longo da vida, o que é compreensível, já que, em muitos casos, as crianças ainda não possuem entendimento suficiente para identificar e nomear possíveis discriminações sofridas.

Ao mencionar a luta por amor, Luísa revela como a busca por esse sentimento pode ser um desafio para algumas crianças. Especificamente no contexto escolar, isso pode ser algo potencializador para sentimentos de rejeição e inadequação. Essa fala também revela como o racismo pode ser um fator que afeta diretamente as relações pessoais. Luísa continua:

[...] Mas passando mais para a parte da adolescência. Chega aquela fase que você nunca é a pessoa escolhida para se relacionar, né? daquelas listinhas, da mais bonita da sala em que você não figura ali no pódio geralmente [...]

Já partimos do ponto da inseparabilidade dos sistemas de opressão. Sendo Luísa uma mulher negra cisgênero e reconhecendo que desde muito cedo o racismo esteve presente na sua vida, não podemos desconsiderar que as questões de gênero também podem afetar diretamente comportamentos e a compreensão de si.

Infelizmente, essa narrativa não é incomum. Já ouvi de outras mulheres negras que, em suas vidas, houve esse distanciamento do que é entendido como beleza ou alguém a ser

desejada. Na minha vivência como uma menina negra em uma escola do subúrbio de Fortaleza, me vi, em muitos momentos junto de minhas amigas lidas socialmente como brancas, carregando o título de amiga engraçada nos momentos de descontração ou de amiga conselheira para os momentos de crise. Hoje, entendo que um possível distanciamento dos padrões eurocêntricos de beleza e das normas de gênero que ditam o que é feminino ou não, o que é aceitável ou não, limitaram a expressão da minha individualidade. Assim, me aproximo da fala de Luísa:

[...] Então, por muito tempo, eu tentei me enquadrar em certos grupos para ser aceita, às vezes, até mesmo acho que maquiar as coisas que eu realmente gostava. Por exemplo, quando era criança, eu gostava, às vezes, mais de brincar com os meninos do que com as meninas, mas isso era visto de uma forma muito negativa, então eu meio que fui me adequando a brincar mais com as meninas e a acabar performando mais feminilidade e outras coisas para me enquadrar naquele grupinho que era entre aspas, o correto [...]

Comportamentos mencionados por Luísa, como “maquiar” gostos pessoais, ver como necessidade “performar feminilidade” na tentativa de se enquadrar numa expectativa de gênero na qual a sociedade dita que ela deve pertencer, são exemplos de como as normativas de gênero afetam a vida das pessoas, aqui destacamos a afetação na vida de mulheres e no caso de Luíza uma mulher negra cisgênero.

Dessa forma, Jesus e Alves (2010) destacam a relevância de, independentemente das bases biológicas, pensar que o conceito de gênero é relacional e político; algo que se refere aos papéis, à forma como cada pessoa é identificada socialmente e aos comportamentos que devem desempenhar. Em outras palavras, o gênero como uma construção social molda e define papéis a serem desempenhados na sociedade, algo que não é intrínseco, mas vivenciado a partir de uma imposição.

Em seu livro “A invenção das mulheres”, Oyèrónké Oyěwùmí (2021) descreve que a compreensão de gênero como uma construção social tem sido um pilar para muitos discursos feministas. No entanto, a autora reflete que a experiência ocidental com o conceito de gênero tem sido faces da mesma moeda, de modo que a construção social e o determinismo biológico se reforçam mutuamente.

Quando categorias sociais como gênero são construídas, novas biológicas da diferença podem ser inventadas. Quando as interpretações biológicas são consideradas convincentes, as categorias sociais extraem sua legitimidade e o poder da biologia. Em suma, social e o biológico se retroalimentam (p. 37).

Com isso, podemos entender que o gênero como construção social tem sido atravessado por percepções biológicas que são utilizadas para fundamentar desigualdades, assim como para atribuir aspectos naturais aos grupos sociais. Nesse sentido, a autora fala de uma ausência de

neutralidade nas percepções biológicas, já que sofrem influências dos contextos e interesses sociais. Logo, o social e o biológico se retroalimentam e contribuem para a fomentação das normas sociais.

Oyěwùmí (2021) avalia que a compreensão de gênero experienciada no Ocidente parte de uma lógica universal, de modo a categorizar as mulheres como um grupo homogêneo “bioanatomicamente determinado, sempre constituído como desempoderado e vitimizado” (p. 39). Tal concepção desconsidera o fato de que as relações de gênero são relações sociais, que envolvem aspectos históricos e culturais.

Partindo de uma abordagem transcultural, a importância dessa observação consiste em que não se pode supor que a organização social de uma cultura (inclusive do Ocidente dominante) seja universal ou que as interpretações das experiências de uma cultura expliquem outra. Por um lado, em um nível global geral, a construção do gênero sugere sua mutabilidade. Por outro lado, no nível local - isto é, dentro dos limites de qualquer cultura particular - o gênero só é mutável se for construído socialmente como tal. Porque, nas sociedades ocidentais, as categorias de gênero, como todas as outras categorias sociais, são construídas com tijolos biológicos, e sua mutabilidade é questionável. A lógica cultural das categorias sociais ocidentais é fundada em uma ideologia do determinismo biológico: a concepção de que a biologia fornece a lógica para a organização do mundo social. Desse modo, como apontado anteriormente, essa lógica cultural é, na verdade, uma "bio-lógica" (Oyěwùmí, 2021, p. 39).

É verdade que há uma disputa de narrativas em relação ao conceito de gênero, mas algo perceptível nessa categoria é como, por muito tempo, manteve-se restrita a uma idealização do que é ser mulher. Para Nascimento (2021), esse é um ideal baseado na experiência da mulher cis, branca, heterossexual, de classe média, magra e sem deficiência, características que se traduzem em superioridade e privilégio e um modelo a ser alcançado por todas as mulheres.

É fato que a universalização do gênero e a centralidade do que é ser mulher já operam como sistemas de opressão. Dessa forma, nesta pesquisa, o gênero é percebido como sistema de opressão que se entrecruza com outros sistemas, estruturando ligações obscuras de interseccionalidades, de modo a disseminar desigualdades e ignorar as identidades que podem desafiar a norma.

3.1 “MINHA FAMÍLIA NÃO SE ENTENDE COMO UMA FAMÍLIA QUE TEM VÁRIAS PESSOAS NEGRAS [...]”

De maneira semelhante à narrativa anterior sobre família, Luísa narra uma complexidade quanto às questões raciais, visto que a negação e o apagamento da negritude estão presentes na sua dinâmica familiar .

[...] Acho que na família não entendo que tenha tido algum tipo de interferência, essa questão de raça. Por que minha família não se identifica como negra, minha família não se entende como uma família que tem várias pessoas negras, né? Então, meio que existe um apagamento nesse sentido assim, né? Porque é a moreninha, não sei o que. Branca não, porque acho que não dá, mas a moreninha sempre surgiu ali. Eu acho que talvez não tenha sido uma questão. Apesar de que eu entendo que foi uma questão muito forte na vida da minha mãe, que querendo ou não, influenciou na minha, né? Por ela ser uma mulher negra mais retinta que eu, e entendo que ela sofreu várias situações de exclusão e que geraram um certo estresse nela e que eu sei que repercutiu, em como ela me tratava e tudo mais [...]

A não identificação da família de Luísa como pessoas negras traz como resultado o apagamento dessas identidades. Mas, embora ela acredite que isso não tenha interferido nas suas vivências, a própria negação e o apagamento das identidades negras, inclusive da própria Luísa, quando é chamada de “moreninha”, já seriam influências de como as questões de raça são entendidas na nossa sociedade.

Essa colocação de Luísa me chamou a atenção, pois, assim como ela, muitas pessoas acreditam que, ao não se falar de raça nas suas famílias ou em outras relações, essa questão não se faz presente. Esse equívoco poderia ser explicado de algumas maneiras, mas aqui tomarei como base a discussão sobre raça e racismo estrutural já apresentada no capítulo anterior, juntamente com o processo de idealização do branco.

Kabengele Munanga (2020), sobre raça, explica:

Se cientificamente a realidade da raça é contestada, política e ideologicamente esse conceito é muito significativo, pois funciona como uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas observáveis. Em outros termos, poder-se-ia reter como traço fundamental próprio a todos os negros (pouco importa a classe social) a situação de excluídos em que se encontram em nível nacional. Isto é, a identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de "exclusão". Ser negro é ser excluído (p. 15).

Como já visto antes e agora descrito na fala de Munanga (2020), o conceito de raça não tem aplicabilidade científica, mas tem ampla relevância em termos político e social, pois tem função de manter estruturas de poder e dominação que moldam a sociedade. Em outras palavras, essa relação de poder advinda da construção de uma ideia de raça, que cria hierarquias sociais, trata o negro com inferioridade e de forma excludente.

A fala de Munanga se assemelha à articulação de Neusa Santos Souza (2021) a respeito de raça, visto que, para ela, a raça é entendida como noção ideológica, organizada como critério social para distribuição de posição na estrutura de classes. Além disso, Souza (2021) explica que, na tentativa de se desassociar daquilo que o definia como inferior e submisso (econômica,

política e socialmente), o negro se vê forçado a tomar o branco como modelo de identidade. Logo, isso se torna uma estratégia de ascensão social.

Em consonância, o desejo do negro em ser branco, destacado por Frantz Fanon (2020) em “Pele negra, máscaras brancas”, denuncia como, na busca por ascensão e pela desvinculação da imagem negativa deixada pelo colonialismo, negros internalizam que serão validados e aceitos socialmente se assumirem características da cultura branca. Assim, o branco passa a ser objeto de desejo. O autor enfatiza que “tão mais branco será o negro antilhano, quer dizer, tão mais próximo estará do homem verdadeiro, quanto mais tiver incorporado a língua francesa” (p. 31). Ou seja, o negro que incorporar mais elementos da branquidão estará mais próximo do seu objeto de desejo, que é ser um homem branco.

A partir disso, o negro vê no branco um modelo a ser seguido. Para Souza (2021), assim se constrói o Ideal de Ego² do negro. O sujeito negro que está imerso na ideologia imposta pelo branco como ideal a ser alcançado tomará para si a luta para conquistá-lo. A autora ainda ressalta que, na construção de um ideal de ego branco, custará para o negro a negação de si ou de qualquer aspecto que o lembre da sua negritude.

Essa exclusão, que acontece na esfera social, também pode existir na dinâmica familiar. Assim, perguntei: "Você falou que na sua família percebe um certo apagamento da questão racial, então, se agora você está falando, por exemplo, que a questão racial vai interferir nessa compreensão de amor, como é que fica na tua relação familiar?". Luísa responde:

Olha, eu acho que acaba sendo assim, a gente como se a gente tivesse um sofrimento compartilhado, mas que ele não é conversado. Porque é sempre levado para um lado de se colocar outros motivos, quando, no fundo, são os mesmos, sabe? São raciais [...]

Luísa consegue identificar que, na relação com sua avó e sua mãe (mulheres negras), existe um sofrimento compartilhado de maneira silenciosa, como consequência de uma socialização familiar que desincentiva as conversas sobre raça. Por isso, a compreensão do causador desse sofrimento acaba sendo deslocada para outras motivações.

Não posso deixar de relatar que essa fala de Luísa rapidamente me fez lembrar de um conceito criado por Vilma Piedade (2017) chamado de dororidade. Sobre a criação desse termo, a autora afirma:

A Sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor

² Definição de ideal de ego de Neusa Santos Souza (2021): O Ideal do Ego é do domínio do simbólico. Simbólico quer dizer articulação e vínculo. Simbólico é o registro ao qual pertencem a Ordem simbólica e a Lei que fundamenta esta ordem. O Ideal do Ego é, portanto, a instância que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à Lei e à Ordem. E o lugar do discurso.

– mas, neste caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor (Piedade, 2017, p. 17).

Assim, o movimento de impulsionamento e de irmandade que conduz as práticas feministas, que recebe o nome de sororidade, esbarra na ausência de uma compreensão de algo muito particular da vida de mulheres negras, o racismo, que será fator influente no que tange à experiência dessas mulheres no mundo. A partir disso, a autora reconheceu a importância de criar um conceito que desse conta dessas particularidades.

“Eu falo de um lugar marcado pela ausência. Pelo silêncio histórico. Pelo não lugar. Pela invisibilidade do Não Ser, sendo” (Piedade, 2017, p. 17). Assim, para a autora, nós, mulheres negras, nos encontramos na dor. Dor que só pode ser compreendida por nós. Com isso, entendo que Luísa consegue perceber esse sofrimento compartilhado, pois, em certa medida, vê semelhanças nas experiências vividas por ela e pelas outras mulheres da família, como narra a seguir:

Eu sou a terceira geração de mulheres, assim, que não se relacionam há um tempo com homens, né? Minha avó se separou do meu avô com 26 anos. Minha mãe se divorciou do meu pai com uns 30 e tantos e passaram o resto da vida sem se relacionar, sem se casar novamente, por exemplo. Minha mãe teve alguns namorados aqui e ali, mas nunca estabeleceu uma relação estável novamente e eu não tenho dúvidas de que tenha um dedo de racismo nisso tudo. Apesar dela ter personalidade difícil, né? Mas eu acho que sim, tem essa questão (racismo). E eu, né, tenho um relacionamento estável, mas também não é com um homem e eu acho que para além da minha orientação sexual, de ser uma bissexual, que tem preferência por mulher, eu acho que também tem a ver, sabe? Tem a ver com o fato dos homens serem muito letrados racialmente pra focarem muito nas mulheres padrão social e etc. [...]

Já mencionei que a interseccionalidade entre sistemas de opressão – nesta pesquisa, especialmente a raça e o gênero – são fatores que influenciam as dinâmicas sociais, inclusive as relações afetivo-sexuais, como vimos na narrativa de Tereza. Dessa forma, compreendemos que as vivências de mulheres negras podem tomar contornos distintos de outros grupos raciais.

No que diz respeito à narrativa apresentada por Luísa sobre sua percepção acerca das vivências das mulheres de sua família, ela acredita que o racismo teve influência significativa na ausência de relações duradouras. Esse fato, a princípio, chama atenção por ser algo que acontece tanto com sua avó quanto com sua mãe, o que poderia sugerir um padrão. Não temos detalhes dos relacionamentos anteriores ou mais recentes dessas mulheres, mas temos a visão de Luísa, que corrobora o que encontramos na literatura.

Em nenhum momento, Luísa mencionou ou fez referência ao que chamamos de solidão da mulher negra, mas não podemos descartar que essa narrativa lança uma luz sobre essa

discussão. Afinal, muito tem se produzido acerca da temática da solidão, e há tempos ela tem sido a sombra das narrativas das mulheres negras quando falamos de afetividade.

Trabalhos como os de Claudete Alves da Silva Souza (2008), Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), Ariane Moreira de Senna (2021), entre outras autoras, dão contornos plausíveis para que essa discussão esteja presente quando falamos de vivências de mulheres negras.

Souza (2008) obteve, como um dos resultados das entrevistas realizadas em seu trabalho, a concordância das mulheres participantes de que os homens negros mantêm a preferência por relacionamentos com mulheres brancas em detrimento das mulheres negras, pois enxergam na relação interracial a chance de ascender socialmente.

Pacheco (2013), ao entrevistar mulheres negras que se dividiam em grupos de ativistas e não ativistas, encontrou narrativas convergentes entre as participantes. Ficou evidenciada a compreensão de que homens negros dão preferência às mulheres socialmente brancas, assim como a infidelidade dos parceiros, que acabava por dificultar a manutenção das relações.

Senna (2021), ao retratar as experiências de mulheres trans negras e periféricas, enfatiza que a solidão está presente desde muito cedo nos processos de exclusão que enfrentam em suas vidas, muitas vezes desde o momento em que transicionam de gênero. A existência das mulheres trans e travestis desafiam a cisnorma, e a solidão se apresenta em diversas dimensões, da família ao Estado, tornando-se algo central em suas vidas.

Ambos os trabalhos mencionados acima dialogam com a compreensão de que raça e gênero são fatores que estão interligados nas dinâmicas relacionais, em outras palavras, compreendem a intersecção entre identidade de gênero e racismo como fatores centrais para o debate acerca da afetividade e solidão das mulheres negras trans ou cis.

Ao me debruçar sobre a historicidade da mulher negra, vejo que sua trajetória, a partir da ruptura diaspórica africana até a contemporaneidade, foi permeada pela solidão. Também sempre foi demarcada por sucessivos revezes nas lutas de resistência contra as políticas de dominação escravagista, de segregação e exclusão social, de assunção unilateral de responsabilidades familiares, de encontros e desencontros dialógicos amorosos na convergência do pertencer ou não pertencer, no direito do ser ou não ser (Souza, 2008, p. 39).

Desse modo, seria um fardo histórico a ser carregado pelas mulheres negras, em vários âmbitos das suas vidas, o encontro com a solidão? Quando falamos de relações afetivo-sexuais de mulheres que se relacionam com homens, parece haver uma conexão entre as narrativas apresentadas até aqui. Como vimos no capítulo anterior, Tereza fala de suas relações com homens como algo que desperta o sentimento de preterimento, algo que pode corroborar a percepção de Luísa quando menciona que homens estariam “letrados” para preferir mulheres

dentro dos padrões sociais. Isso nos leva a refletir sobre como o racismo e os padrões eurocêntricos podem definir como e com quem se mantém relacionamentos amorosos.

Torna-se difícil não reconhecer como os discursos de ideologias raciais e de gênero são estruturantes e ordenam um conjunto de práticas corporais racializadas vividas pelo gênero, na sexualidade, no trabalho, na afetividade e em outros lugares sociais que são “destinados” às mulheres negras (Pacheco, 2013, p. 24).

Podemos, então, compreender que esses discursos de ideologias raciais e de gênero são manifestações concretas e não apenas conceitos abstratos, pois são práticas presentes no cotidiano social com função de ditar e limitar o papel das mulheres negras na sociedade. Na afetividade, esses discursos se traduzem na manutenção de estereótipos que condicionam a forma como mulheres negras vivenciam suas relações pessoais.

Com base no argumento desenvolvido pelas feministas negras, entende-se que Mulheres Trans e Travestis negras se tornam muito mais vulneráveis pois, na maioria das vezes, não encontram apoio, representação e, com isso, vivem em um processo contínuo de insegurança com as pessoas em sociedade, em suas relações sócio-afetivas (Senna, 2021, p. 119).

A intersecção entre gênero e raça tem sido um meio importante para compreensão das opressões sofridas por nós mulheres negras. Ainda assim, precisamos estar atentas às particularidades que cercam a experiência de mulheres trans e travestis negras. Para muitas dessas mulheres a experiência de vulnerabilidade estará presente, devido à falta de apoio e exclusão nos espaços que transitam.

Entendo que já fomos capazes de compreender que os nossos caminhos como mulheres negras cis ou trans/travestis, em muitos momentos, se cruzam na dor, nas ausências, no que nomeamos de solidão. Mas temos como possibilidade nos encontrarmos em um outro lugar, algo mais próximo de um movimento de amorosidade? (Tentarei me aproximar de uma resposta no diálogo com a próxima entrevista). Assim, seguimos com a narrativa de Luísa e sua percepção sobre como a raça está presente na dinâmica de vida da sua família.

[...] Eu vejo que a gente leva muito essa questão, as questões raciais que interferem na nossa família, como, por exemplo, sei lá, até mesmo em nível de renda que a gente o máximo que a gente já conseguiu atingir enquanto família não é lá essas coisas todas e a gente sempre leva muito pro lado da mulher guerreira, da mulher forte, e eu admiro muito isso nelas, assim que realmente elas conseguiram transpor vários obstáculos. Mesmo com as barreiras do racismo, elas tão aí, tão na luta. Conquistando coisas que talvez anteriormente não fosse possível. E eu acho que levo muito pelo lado da admiração, pelo menos da minha parte, né? Em relação a elas. Eu as admiro assim nesse ponto, principalmente profissionalmente e afetivamente também porque, mesmo sendo algo (racismo) ali presente, elas não meio que sucumbiram, elas nem... como eu disse, às vezes elas nem percebem, elas simplesmente lidam [...]

Nesse trecho da conversa, Luísa reconhece, assim como em outros pontos já apresentados aqui, como o racismo afeta as oportunidades econômicas da família. Ela salienta que, mesmo que não sejam muitas coisas, tudo que foi conquistado só veio por meio de muito esforço de sua mãe, que superou as barreiras do racismo.

Como mais uma forma de não atribuir explicitamente as dificuldades sofridas ao racismo, Luísa, junto de sua mãe, atribuem esse enfrentamento apenas à força e resiliência para superação dos obstáculos, ancorando-se na imagem de “mulher forte” e “mulher guerreira”, algo muito presente na experiência das mulheres negras. Uma narrativa que oferece um paradoxo: à medida que pode exaltar a resistência, também pode mascarar o sofrimento vivido.

Ainda sobre essa temática, Luísa compartilha que, entre os familiares, sua mãe é vista, em muitos momentos, como a pessoa responsável pelo cuidado dos demais membros da família, em especial da sua avó. Ela é quem resolve e organiza, vista como a pessoa forte. Assim, ela segue sua narrativa:

Ela não é forte porque nasceu assim, ela não teve outra escolha e a gente teve uma conversa bem profunda sobre isso aí. Foi muito tocante, foi um momento que marcou pra mim, porque a gente nunca, como disse, a gente mal conversa sobre questões raciais, eu sei que o plano de fundo dessa força é muito esses ter enfrentado muitas situações difíceis e ter superado e ter sido exposta a situações também por questões raciais. E uma das coisas assim que, envolvendo questão racial e afeto, que me faz muito conseguir perdoar algumas situações que ela me expôs quando era criança, é pensar mesmo que ela estava na própria luta dela, sabe? Muito pesada, racialmente falando quanto uma mulher divorciada dentro de uma igreja super conservadora, a sociedade também na época muito conservadora. Como que ela conseguiu superar isso e me dar boas oportunidades de estudo, boas oportunidades de até me situar socialmente eu um lugar que fosse favorável pra eu conseguir meus objetivos, né? Entrar na faculdade que eu queria e etc. Então, ver que ela também tava passando por muitos desafios, hoje me faz ter um olhar mais afetuoso em relação a ela, que acho que na adolescência era mais de revolta e hoje eu consigo ver que ela sempre foi uma pessoa muito dura comigo, mas que a vida também nunca foi mole com ela, então ela meio que reproduziu o que ela mesmo estava passando e acho que a prisão racial a respeito disso e como ela foi exposta a inúmeras maneiras de racismo me fazem ter um olhar mais acolhedor com ela. Só foi possível através dessa reflexão, porque acho que de outra forma só manteria essa revolta mesmo [...]

Em toda a narrativa sobre sua família, especialmente sobre sua mãe, Luísa deixou nítida a complexidade dessa relação e os paradoxos que a permeiam.

3.2 “O AMOR SEMPRE FOI DESAFIADOR [...]”

Distante de qualquer ideia de romantização da experiência de amor, Luísa analisa que esse sentimento sempre foi algo desafiador e não fluiu naturalmente como aparenta ser para outras pessoas. Ela narra:

Para mim, eu acho que o amor sempre foi desafiador, nunca foi algo tão fácil como parece ser para várias pessoas que eu conheço assim, dado, sabe, sempre foi muito conquistado, cativado. E, muitas experiências, eu acho que foi apesar de. Sabe? não, tipo: “ah, te ver é um convite para te amar”, para muitas pessoas parecia assim, pra mim era apesar de, era tipo, é necessário se aproximar, provar que você é uma pessoa de futuro, que você é uma pessoa interessante, que você é uma pessoa que tem algo a agregar e etc, isso para todas as ações, não só de afeto que envolva questões sexuais e eu acho que sempre foi esse espaço mais de troca na conquista, sabe, não dessa coisa da pessoa me olhar e já me amar e já me escolher. Já se aproximar sorrindo. Pouquíssimas relações eu tive assim, eu acho [...]

Entendo o que Luísa quis dizer quando menciona que o amor para ela sempre foi desafiador, parecia algo difícil de acontecer e precisava ser conquistado. Entendo que essa colocação talvez parta da compreensão de que, para algumas pessoas, como nós mulheres negras, o amor se apresenta em meio a muitas barreiras, como, por exemplo, o racismo. Dessa forma, o amor é um acontecimento quase improvável.

Mas o amor de fato acontece de maneira fluida ou acreditamos na ideia de amor incondicional, aquele que, apesar de tudo, é capaz de superar qualquer empecilho? Quando, na realidade, nos deparamos com vivências amorosas que colocam à prova essas idealizações de amor. Parece um tanto fantasioso acreditar que o amor simplesmente acontece, sem que invistamos algo para a manutenção das nossas relações amorosas. Sendo assim, quando se vive na idealização do que é o amor, que parece ser algo tão distante, passamos a ver a vivência do outro como mais fácil, recorrendo à metáfora de que “a grama do vizinho é mais verde” para falar de nossas relações.

Refletindo um pouco sobre essa fala de Luísa, recordei um trecho do livro “Por que amamos”, de Renato Nogueira (2020), que faz uma reflexão sobre o ato de amar com base nos estudos de Sobonfu Somé sobre o povo dagara. Nogueira (2020) comenta:

O amor é como uma montanha. O ato de amar é a aventura existencial de escalá-la devagar com alguém do nosso lado. Ao longo da jornada, nos aproximamos cada vez mais do outro, passando a conhecê-lo mais e melhor. Para os dagara, mais do que viver um romance, amar é um percurso de intimidade (p. 25).

Nesse ponto, o autor se refere ao amor conjugal, mas acredito que possa ser um ponto de partida interessante para confrontar a ideia de que nossas relações amorosas "simplesmente acontecem", ideia que se vincula muito mais ao ideário romântico branco euro-cristão. Amar é um processo de construção contínua compartilhada, isso implica dizer que envolve dedicação e paciência. Em outras palavras, o amor, nessa perspectiva, envolve uma ação de disponibilidade no contato com o outro e consigo.

Amar-se ou ser amado não é algo que acontece de maneira natural ou fluida; ao contrário, exige um esforço consciente para dismantelar as narrativas que associam a negritude ao sofrimento, à carência e à inferioridade. Talvez esse seja o nosso desafio na caminhada em direção ao amor.

O amor, quando visto através da lente da negritude, não é apenas uma questão de afeto ou relacionamento com o outro, mas também uma questão de sobrevivência emocional e psicológica. Crescer em um mundo que frequentemente desvaloriza os corpos negros, que os retrata de maneira desumanizada ou exotizada, significa que a forma como essas pessoas se relacionam com o amor está inevitavelmente atrelada à resistência.

4 EVA (RECIFE)

Dando continuidade às entrevistas, agora dialogo com Eva, uma jovem assistente social de 27 anos, natural de Recife, Pernambuco, que se autodeclara preta e travesti bissexual e que atualmente está solteira. Além disso, é atuante nos grupos de movimento negro e movimento de pessoas trans/travesti.

Para a escolha dessa entrevista também foi utilizado o critério da idade, mas, diferente da entrevistada anterior, Eva não era a mais nova, mas estava numa faixa etária intermediária, entre as mais novas e as mais velhas. Nesse caso, utilizei mais um critério para a escolha da entrevistada, que foi a identidade de gênero. Tendo em mente que a maior parte das respostas que eu receberia seriam de mulheres cisgênero, achei importante assegurar para a pesquisa e para quem a acessasse futuramente que teriam a chance de ler diferentes percepções de amor. Isso incluiria saber como uma mulher que não está na cisgeneridade se sentiria tocada por essa temática. Então, partiremos da mesma pergunta inicial:

Eva, a partir da sua identificação como mulher negra, como você vivencia o amor na sua vida?

[...] Então, eu acredito que para mim, o amor hoje já esteja inserido num outro lugar, né? Inicialmente, claro, né? A partir daquela concepção, assim, bem hegemônica do que é amor, porque eu acho que para que antes eu identificasse que ele estivesse presente na minha vida, eu precisei compreender o que de fato ele era, né? Porque se eu fosse caminhar pela perspectiva hegemônica, talvez eu jamais achasse que ele estivesse presente na minha realidade, né? Então, assim, por um certo tempo, eu fiquei com aqueles meus questionamentos quando eu via, por exemplo, pessoas brancas que estavam no meu convívio exercendo esse suposto amor e via que a forma que esse amor era exercido não era a mesma forma que eu exercia ou pelo menos não era a forma que esse amor se materializava na minha vida. Então, por muito tempo, de fato, acreditei que não houvesse, que não existisse pra mim, né?

Através dessa primeira fala, podemos perceber questões importantes para pensarmos sobre uma vivência amorosa. A priori, Eva reconhece que sua concepção de amor aconteceu a partir de uma visão hegemônica. Visão essa que limitava o seu próprio entendimento de amor, pois se baseia em padrões eurocêntricos e coloniais, algo que dificulta a compreensão e sentimento de pertencimento de pessoas negras.

Para ilustrar melhor a fala de Eva, basta lembrar a ideia de amor que era reproduzida nas mídias. Quem eram os mocinhos das novelas e dos filmes de romance ou de comédia romântica? Qual era a cor da família nos comerciais que passavam na televisão? Quando líamos livros de aventura ou de romance, como os personagens eram descritos? Certamente, essas influências não são o único fator que dificulta a nossa noção desse sentimento. No texto

“Vivendo de amor”, bell hooks (2010) discorre sobre como nossa dificuldade de uma vivência amorosa é uma herança colonial:

O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar (hooks, 2010, s.p.).

Como seria possível experimentar uma vivência amorosa diante de um contexto em que filhos, maridos, esposas e amigos eram vendidos como animais ou submetidos a torturas? hooks (2010) reconhece que a prática amorosa no contexto escravocrata poderia tornar a pessoa vulnerável a um sofrimento insuportável. Com isso, em termos gerais, criou-se uma noção prática diante da realidade, tendo como estratégia de sobrevivência a prática de reprimir os sentimentos (hooks, 2010, s.p.). Acredito que essa herança colonial nos coloca hoje como pouco conhecedores dos nossos sentimentos.

Com “pouco conhecedores” quero dizer que temos dificuldade de reconhecer e nomear nossos sentimentos, assim como temos dificuldade de reconhecer quando recebemos ou lidamos com demonstrações de afeto ou sentimentais de alguém. Por exemplo, sendo uma psicóloga atendendo pessoas negras, não é incomum me deparar com narrativas como: “não sei o que estou sentindo”; “será que estou sentindo isso mesmo?”; “não posso sentir isso” ou “não me acho merecedora desse amor”. Sobre isso, bell hooks (2010) explica:

A prática de se reprimir os sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto da vida dos negros, mesmo depois da escravidão. Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. Mostrar os sentimentos era uma bobagem (hooks, 2010, s.p.).

Dessa forma, podemos temer o sentimento desconhecido, bem como reproduzir a forma distorcida com a qual aprendemos a olhar para nossos sentimentos, especialmente o amor. Em ambas as situações, percebo que chegamos a um ponto em comum: o distanciamento de uma vivência amorosa.

O processo para conhecermos os nossos sentimentos, principalmente o amor, pode ser realizado de maneiras distintas. Para Eva, as leituras, sobretudo de bell hooks, foram importantes para sua vivência amorosa. Ela narra:

E aí eu acredito que essa coisa começa a mudar quando lá ainda no tempo da graduação, eu comecei a ter contato com algumas escritas, né? Sobre tudo as escritas de ‘bellhookianas’ para compreender que, de fato, esse amor estava presente, mas eu acho que foi o primeiro choque, né? Ver que ele estava

presente, porque eu achava que não, que era impossível, que não estava aqui para mim, que não dava e por N questões, sobretudo as questões raciais, eu vivenciaria o amor de uma forma completamente diferente dessa hegemônica colocada, imposta, colonial, com todos esses outros fatores. E aí quando eu comecei a entender que amor também partia de outras perspectivas, né? Que amor era ação, que amor era movimento, que amor a gente construía em outros formatos e que esse amor tava sim ao meu redor, do meu lado, e que eu já exercia ele, foi que eu comecei a compreender que, de fato, eu era rodeada desse sentimento, dessa ação, desse movimento, desse processo, mas até chegar esse estado de consciência... assim não foi fácil, nem foi simples, né? [...]

bell hooks (2010) já foi mencionada aqui outras vezes. Sua dedicação ao pensar e falar de amor é inegável. Assim como foi para Eva, acredito que seus ensinamentos têm sido de grande importância para nós, pessoas negras, pensarmos nossas práticas amorosas, especialmente na compreensão de que o amor não é um mero sentimento, mas uma ação, movimento, prática. Partindo disso, podemos descentralizar o amor de uma relação afetivo-sexual e enxergar em que outras relações ele pode estar presente.

4.1 “A MINHA FAMÍLIA É FORMADA DE MULHERES [...]”

[...] Eu acho que a minha primeira experiência com amor, com esse sentimento, que eu compreendo ser sentimento de transformação mesmo, foi no meu contato dentro do bojo familiar, mas especialmente no meu contato com minha mãe e minha avó [...]

Outros contextos familiares já foram apresentados nesta pesquisa. Luísa, assim como Tereza, fala de relações complexas e conflituosas nas suas famílias. Já para Eva, ao pensar na sua primeira experiência amorosa, aponta sua relação familiar, mais especificamente a relação com sua mãe e sua avó como conexões fundamentais para vivência e compreensão do amor e como ele pode ter sido algo transformador em suas vidas. Luísa prossegue:

[...] Foram mulheres importantes para que eu entendesse essa coisa do amor ação, sabe? Essa coisa do amor, que age, essa coisa do amor que se movimenta, porque entender que esse amor estava sendo exercido e que esse amor estava visível para mim né? Através desta minha relação com elas duas foi o que me fez ter um start, né? Para compreender que o que eu precisava ou que de fato faria transformação na minha vida seria essa forma de amar, sabe? [...]

Além de um contexto familiar diferente das outras entrevistadas, Eva talvez desfrute uma relação familiar atípica quando comparada a outras mulheres trans e travestis. Não descarto que a relação com sua família em algum momento possa ter passado por momentos difíceis, mas me refiro ao contexto de desamor e violência que algumas mulheres trans e travestis experienciam em suas famílias.

[...] Então, para que eu conseguisse construir outras formas de amar eu precisei inicialmente perceber e me dar conta da grandiosidade desse amor que existia entre nós 3, né? Esse vínculo triangular, assim, sabe, nem triangular, porque triângulo tem ponta, era um vínculo bem circular mesmo, sabe? Que a todo momento assim era uma troca exercida entre a gente, uma troca muito visível, uma troca de impulsionamento, mas ao mesmo tempo, uma troca de cuidado, uma troca de afeto, né? E continua assim, continua, continua, continua [...]

Eva, ao referenciar o amor vivido com as mulheres da sua família como vínculo circular, sugere uma relação dinâmica, que funciona a partir de uma fluida troca de cuidados, afeto e impulsionamento. Dessa forma, para que essa relação circular continuasse a fluir com práticas amorosas, se fez necessária a compreensão de que isso aconteceria a partir do envolvimento de todas, distanciando-se de uma ideia hegemônica de afeto e amor.

Curiosamente, a fala de Eva me recordou um dos ensinamentos de Santos (2023), popularmente conhecido como Nêgo Bispo, no qual ele afirma que somos “compartilhantes”, que “no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham” (p. 25). É esse o movimento que Eva compartilha com as mulheres da sua família; não existe uma única responsável pelo compartilhamento, mas um movimento de tamanha disponibilidade para essa ação amorosa, que não se anseia uma protagonista dessa relação, mas evidencia como cada uma tem uma contribuição importante para essa experiência de amor na família.

[...] E aí eu vou colocar até uma quarta pessoa no meio, que é a minha irmã, porque a minha família é formada de mulheres, né? É quando a gente compreendeu esse sentimento que a gente exercia, né? Foi mais fácil compreender que existia outras formas de eu transgredir esse sentimento e fazer com que ele vazasse para outros lugares, mas esse sentimento inicial foi o que começou a me trazer uma consciência assim, um raciocínio, eu acho, do que era esse sentimento e de como eu poderia tirar desse vínculo que é exercido entre eu, minha mãe, minha irmã, minha avó, né, pra começar a escoar para esses outros lugares [...]

A dinâmica familiar de Eva se assemelha ao que Santos (2023) chama de “confluência”, que sugere que o encontro com o outro é um processo de expansão e compartilhamento de saberes, capaz de criar algo novo e potente a ser experimentado durante o contato com o outro. Em outras palavras, a confluência não é vista como um bloqueio de contato, mas uma força que nos ajuda a coexistir integralmente.

Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia (Santos, 2023, p. 4).

Ao experimentar essa dinâmica de confluência com sua família, Eva também mantém um outro aspecto já comentado neste trabalho: a vivência em comunidade (hooks, 2021; Somé, 2007). Se em outro momento falamos que Tereza vive uma experiência de comunidade com seus amigos, para Eva sua família já é sua própria comunidade. Essa compreensão está baseada na definição do objetivo de uma comunidade de Sobonfu Somé (2007), que diz:

A comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo; é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem um espaço para contribuir. A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros (p. 35).

Portanto, acredito que a vivência familiar de Eva transgride a noção hegemônica de família, ao construir essa relação não sobre uma hierarquia de papéis entre seus membros, mas na importância de cada um para a vivência amorosa, de forma a se aproximar de uma relação comunitária, que prioriza a escuta, o acolhimento e o respeito. Sendo assim, a sua comunidade (família) exerce um papel fundamental na sua experiência de amar.

4.2 “EU TINHA SIM CIÊNCIA DE QUE EU ME GOSTAVA MUITO [...]”

[...] Para construir essa ideia de autoamor, foram longos anos assim, foi um grande processo, né? Primeiro porque eu tinha sim ciência de que eu me gostava muito, sabe? Eu tinha ciência do meu cuidado comigo mesma, só que por muitos momentos, assim, a gente vai, a gente vai esbarrando em muitas armadilhas, sabe? e essas armadilhas acabam mostrando para a gente um outro lado, que às vezes parece ser bastante convidativo, mas a partir do momento que você caminha para aquele outro lado, você precisa abrir mão de si mesma e como seria abrir mão de si mesma para mim, né? Você teria que abrir mão da sua consciência de si mesma, você teria que abrir mão do seu conforto para com si mesma, você teria que responder a demandas que são de outros e não suas, você teria que se moldar a um engessamento, né, que faz com que você pareça ser o que você não é e a partir daí, você teria como prêmio, né? Essa suposta vivência em sociedade, essa suposta vivência que eu coloco como suposta, porque eu conheço pessoas, né, que observo no meu cotidiano, que decidiram caminhar para esse outro lado, mas não conseguiram essa resposta, sabe? Essa suposição de vida em sociedade, de conforto, né? De relações concretas, de relações possíveis. Nada disso foi concretizado na vida dessas pessoas [...]

A fala de Eva evidencia uma profunda jornada na construção do autoamor, algo que, para ela, passa pela sustentação de uma consciência de si. Nessa busca pelo autoamor, ela se vê desafiada por armadilhas que a fariam negociar, mais precisamente abdicar de si, por uma falsa aceitação social.

Em um dos seus escritos, Audre Lorde (2019), para apontar possíveis barreiras entre as mulheres e o amor, menciona o racismo, o machismo, a heteronormatividade e a homofobia como “a inabilidade de reconhecer o conceito de diferenças como uma força humana dinâmica, que é mais enriquecedora do que ameaçadora para a definição do indivíduo quando existem objetivos em comum” (p. 55). Acredito que essas barreiras citadas pela autora se relacionam com as armadilhas mencionadas por Eva.

Baseadas na crença de superioridade, as barreiras mencionadas por Lorde estão presentes nas dinâmicas sociais e podem ser determinantes nas vivências de mulheres negras, precisamente, servem de suporte para as tais armadilhas. Em consonância, L. da Silva (2022) ressalta a urgência de percebermos as feridas incuráveis do colonialismo. Para ela, a sociedade, dentro da sua dinâmica, segue sendo sustentada pelo que nomeia de “ranço colonial racista”, algo que afeta diariamente a vida de pessoas negras. A autora também aponta a cisheteronormatividade estruturada pelo anti-amor como gerador de impactos para corpos travestis e transexuais.

é salutar perceber como os processos de hierarquização e marginalização produzem efeitos subjetivos negativos na vida de travestis e pessoas trans negras, uma vez que estes efeitos se instauram e condicionam a negativa social apresentada pelo modelo de dominação vivido nas relações interpessoais que temos através de diferentes formas nas relações familiares, experiências coletivas nas escolas, em ambientes de sociabilidade com amigos, ou sexual com companheiro/as (L. da Silva, 2022, s.p.).

Como tentativa de se livrar dos efeitos dos processos de hierarquização e marginalização de seus corpos, algumas mulheres negras, sobretudo mulheres trans/travestis negras, podem sofrer com as armadilhas mencionadas anteriormente. Aqui, podemos nomear a norma como uma armadilha, pois torna-se um processo cruel e massacrante a tentativa de encaixar-se no padrão branco, magro, cisgênero e eurocêntrico (S. Silva; Nascimento, 2022).

A tentativa de se encaixar nos padrões normativos, como busca de aceitação e bom convívio social, é um caminho ardiloso para nós, pois em nenhum momento é dada a garantia de aceitação, mas apenas a certeza de que o preço dessa armadilha é o abandono de nós mesmas.

Algo a ser destacado é que a norma, assim como os seus elementos estruturantes, não se flexibilizam em relação a nossa existência, mas o oposto disso, pois “renovam-se as suas engrenagens diante das necessidades de interesses particulares dos grupos privilegiados” (S. Silva; Nascimento, 2022, p. 56). Diante dessa discussão, recordei o trecho de um escrito de Nascimento (2023):

Eu ainda falo comigo mesma para não sucumbir em meio a vozes que gritam insistentemente que eu não posso, que eu não devo ser quem sou. Vozes que buscam me embranquecer, me emagrecer, me masculinizar, me cis

normatizar, me colocar em uma caixa padrão com o selo de qualidade colonial (Nascimento, 2023, p. 3).

É bem verdade que viver em uma sociedade que se estrutura a partir desses sistemas de opressões é algo desafiador e cansativo. Além disso, é violenta a tentativa de “se moldar a um engessamento”, como disse Eva, das normativas. Teríamos, então, outro caminho a seguir? No que diz respeito ao não ceder às armadilhas, o caminho a ser seguido seria em direção à autoaceitação (hooks, 2021), pois, “quando podemos nos ver como realmente somos, e nós aceitamos, construímos os fundamentos necessários para o amor-próprio” (p. 93).

Reconheço que o processo de autoaceitação ainda pode ser difícil para nós mulheres negras (cis, trans/travestis). Afinal, nos deparamos constantemente com narrativas que nos empurram na contramão desse processo, como as vozes mencionadas anteriormente por Nascimento (2023). Entretanto, fica “evidente que, se nós não nos definirmos, seremos definidos pelos outros – para proveito deles e nosso prejuízo” (Lorde, 2019, p. 56).

Ao negarmos a definição do outro em relação a nós, especialmente ao nos afastarmos da norma, possibilitamos nos conhecermos mais, em busca da autoaceitação e autodefinição. Junto a isso, assumimos responsabilidades com a nossa existência. Isso não significa a negação da realidade discriminatória, assim como não significa que as impediremos. “Assumir a responsabilidade significa que, diante de barreiras, ainda temos a capacidade de inventar nossa vida” (hooks, 2021, p. 97).

Ao escolher o caminho da autoaceitação, Eva se opõe às armadilhas da norma. Nesse caso, a autoaceitação a leva em direção ao autoamor. Com isso, quero dizer que o autoamor vivenciado por Eva se articula com o viver a sua travestilidade, assim como sua negritude, pois, partindo da inseparabilidade das identidades que a constituem, o autoamor se relaciona à autoafirmação de ser uma travesti negra.

4.3 “A SOLIDÃO NÃO PODE CHEGAR PARA MIM ANTES DO AMOR [...]”

Já falamos anteriormente sobre o que considero ser a solidão da mulher negra, uma das questões sensíveis com a qual frequentemente nos deparamos nos debates de raça e gênero. Mas, para além da temática sensível, reservo um certo incômodo sobre ela, ou melhor, considero incômoda a forma como muitas de nós a abordamos. Dessa forma, no diálogo com Eva, aproximo-me um pouco mais de uma resposta para a pergunta feita no capítulo anterior: temos como possibilidade nos encontrarmos em um outro lugar, algo mais próximo de um

movimento de amorosidade? Para essa tentativa de resposta, partiremos de uma indagação que já se trata de um indício de como acredito que deveríamos olhar para essa questão.

Faz sentido que a solidão não seja protagonista dessa conversa?

[...] Nossa, completamente, completamente, porque eu sinto e aí, ó, não sei, assim, mas eu vou falar de uma forma bem empírica mesmo, assim, a partir das minhas observações, eu sinto que é como se fosse mais simples falar sobre solidão da mulher negra do que pensar essas outras concepções de amor [...] Sobre a solidão da mulher negra, para mim, ela está muito baseada nessa concepção de amor que a gente busca desconstruir, né? É como se fosse basicamente um resumo, assim, é como se fosse um resumo do ato: Uma mulher negra tentando um relacionamento com alguém. Não consegue? solidão da mulher negra, sabe? E tentar de novo, solidão da mulher negra e na grande maioria das vezes, esse debate se dá muito em uma tentativa frustrada, né? Da busca por um relacionamento dentro dos moldes, dos padrões e de tudo aquilo que está estabelecido. Não consigo? Solidão da mulher negra, sabe? [...]

Sei que a primeira leitura dessa fala de Eva pode gerar um *rebuliço*. Afinal, com que direito nós, no caso Eva e eu, questionamos algo que está presente na realidade de ‘todas’ as mulheres negras? Vejo isso como um convite para, através da narrativa de Eva, pensarmos sobre como temos tratado a questão da solidão em nossas vidas.

Quando Eva menciona que parece ser simples atribuir a solidão para nós mulheres negras, ela não está desclassificando ou negando a problemática. Na verdade, ela sugere que essa condição já é esperada e condicionada a nossa experiência afetiva. Dessa maneira, parece uma tarefa difícil pensar que em nossas vidas possamos encontrar o amor em diferentes formas, longe da concepção hegemônica de amor.

Essa hegemonia do amor, já mencionada por Eva no início desta conversa, está diretamente ligada à solidão da mulher negra, pois impõe padrões normativos, como, por exemplo, padrões de beleza, estereótipos de gênero e tensionamentos raciais, que contribuem para a nossa exclusão em diversos campos de nossas vidas, inclusive o campo amoroso. Com isso, tentativas frustradas de relacionamentos são iminentes, pois que chances teremos de encontrar reciprocidade se os moldes dessa concepção de amor nos marginalizam?

O projeto colonial que está atrelado à branquitude, à cisheteronormatividade e à burguesia historicamente explorou mulheres negras, desumanizando seus corpos e afetos, desse modo, elas se deparam com estigmatização e estereótipos que as colocam em um lugar de fetichização e de desvalorização, afetando diretamente sua autoestima e sua autopercepção.

Um modelo de amor construído a partir de uma lógica colonial é baseado em uma concepção de que o afeto é privilégio da branquitude, ou seja, esse padrão distancia as mulheres

negras de um vivência amorosa, fomentando a concepção de que o desprezo da branquitude configura a sua solidão.

Fanon (2020) aponta que o colonialismo afeta a população negra, gerando um sentimento de inferioridade; a partir desse sentir, o negro atribui valor à necessidade de se aproximar do mundo branco. Ele salienta que o desejo intenso de reconhecimento pelo branco, fenômeno que nomeia de “eretismo afetivo”, conduz mulheres negras a um movimento alienante de branqueamento como forma de ascensão.

É paradoxal buscar validação daquele que nos violenta e tentar seguir o modelo de relação que não nos contempla. Ao mesmo tempo em que nomeamos os impeditivos para uma vivência amorosa, atribuímos superá-los para nos relacionarmos com quem nos ameaça.

Recentemente, assisti a um vídeo no Youtube de uma mulher negra, influenciadora, chamada Nina Chrispim³, no qual expressa suas percepções sobre a solidão da mulher negra. Para ela, o homem branco é responsável pela idealização do amor romântico na sociedade, modelo que nós internalizamos, ensinando mulheres negras a amarem homens brancos e tentarem reproduzir a performance do branco, inclusive nos homens negros. Sendo assim, o ideal de ego branco (mencionado no capítulo 2) tem forjado as subjetividades negras.

O amor hegemônico do qual Eva fala, que podemos chamar de amor romântico, é colonial. Como já falamos, essa forma de “amor” traz consigo a imposição de normas de gênero. Arelada a isso, se mantém a noção de família nuclear (apresentada no capítulo 1), que tem como modelo uma família cisheteronormativa, branca e cristã.

O valor da construção deste amor colonial vem da escassez, ou melhor, da concentração. Que se tenha muito amor, mas que este amor seja só por x pessoa. Algo que lembra muito a lógica da renda e a propriedade privada. Devemos nos importar, cuidar e amar daquilo que é “nosso”. Pra fora disso, a sensibilização cai mil degraus: que os outros adoçam, sofram e morram, sem vinculação afetiva, pouco ou nada arranha o peito.⁴

Dessa maneira, no momento no qual Eva fala que é rápida a associação da mulher negra à solidão quando existe uma frustração em um relacionamento romântico, não há equívoco. Por exemplo, não é incomum encontrarmos produções acadêmicas ou fora desse eixo sobre a afetividade de mulheres negras, nas quais a centralidade é a discussão da solidão, muitas vezes pautada na ausência de um parceiro romântico.

³ **E a solidão da mulher negra?**. Disponível em: <https://youtu.be/bcx6dmRqy98?si=Pz-VE3mZIGx7vNbo>. Acesso em: 23 jun. 2025.

⁴ Geni Nunez. **Imaginando mundos: e se o amor colonial não existisse?**. Disponível em: <https://www.cidadaocultura.com.br/imaginando-mundos-e-se-o-amor-colonial-nao-existisse/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

Então, me surgem dúvidas: quando nós, mulheres negras, atribuímos a solidão em nossas vidas, de que solidão estamos falando? A tal solidão da mulher negra se direciona à ausência de uma relação afetivo-sexual ou podemos nomear da mesma forma a ausência de outras relações, como de amizade, familiar ou profissional? Ou, mesmo que uma dessas relações esteja ausente e tenhamos sucesso nas demais, ainda assim somos solitárias?

Diferente de Eva, não vejo como mais simples traduzirmos nossas frustrações em solidão. Mas atribuo isso a nossa tentativa de dar nome ao que vivemos e sentimos, um caminho delicado que pode nos levar à generalização da nossa própria percepção e, como consequência, à generalização do discurso.

[...] Claro, isso não quer dizer que não existam mulheres negras que estejam sofrendo. Que estejam, eu não vou nem colocar sofrendo, mas que estejam vivenciando a solidão. Não quer dizer que isso não aconteça, mas que isso não é a regra. Se isso não pode ser a regra, que a gente não pode permitir, que tipo, dentro de uma grande, de um grande desfile de escola de samba, essa seja nossa maior alegoria, sabe? Essa é uma nuance, vai estar presente ali, em algum momento pode nos atravessar, mas não é isso que nos movimenta. Jamais pode ser. Eu não posso acreditar que o que faz com que eu me movimente, antes de tudo, seja o sentimento de solidão. Não, é o amor em abundância e eu precisei sentir esse amor antes para conseguir me movimentar, para conseguir hackear esse sistema [...]

Ou seja, a vivência de mulheres negras não pode ser atrelada apenas à experiência de solidão. Isso nos enfraquece e nos isola das nossas outras formas de vivenciarmos os afetos e de nossas potencialidades. Eva afirma:

[...] a solidão não pode chegar para mim antes do amor. A solidão não pode chegar para mim antes do cuidado e do afeto, sabe? A solidão não pode chegar para mim antes do processo de consciência do meu corpo, das minhas relações, sabe? Jamais pode ser a solidão. [...]

4.4 “EU NÃO TENHO COMO RESPONDER SE QUEM VEIO PRIMEIRO FOI O OVO OU A GALINHA [...]”

[...] Ai, olha, eu poderia dizer ambas, sabe? Porque eu acredito que sim, que sejam, mas eu acho que está dizendo assim ambas é resumido demais, sabe? Então, assim, é pra mim... são as duas coisas para que o amor... Ele fez uma experiência coletiva, ele precisa anteriormente ser uma experiência individual, mas antes dele ser individual, ele precisa partir de uma coletividade, ou seja, eu não tenho como responder se quem veio primeiro foi o ovo ou a galinha (risos). Mas que é essas duas formas constituem o que de fato seria exercer esse amor [...]

Essa resposta espontânea de Eva ao questionamento se a experiência de amar é algo coletivo e/ou individual, me faz lembrar de algo que já falei algumas vezes nos meus atendimentos clínicos, sobretudo para pessoas que estão em espaços de militância, as quais se veem em um dilema sobre sua individualidade em espaços coletivos. Eu falo o seguinte: “o

individual não existe sem o coletivo e o coletivo não existe sem o individual”. Com isso, quero dizer que, como indivíduos, fazemos nossas contribuições para os espaços coletivos nos quais estamos inseridos, assim como o coletivo pode contribuir para nossas experiências individuais.

Um ponto a se destacar é que se faz necessário entender as fronteiras dessas contribuições, em outras palavras, compreender o que se refere à experiência individual e à construção quanto ser coletivo. Quando falamos sobre amor enquanto experiência coletiva e/ou individual, falamos sobre a inseparabilidade desses conceitos, pois ambos estão intrinsecamente unidos, a ponto de que o pensamento coletivo acerca do amor necessita da experiência individual e, para que se aproprie dessa vivência quanto indivíduo, faz-se necessário existir diante do coletivo, como bem nos ensina Renato Nogueira (2020):

Amar é uma travessia que define aspectos centrais da nossa felicidade. Você não será capaz de amar sem antes saber quem você é. Sem ter outras pessoas que deem suporte para a sua vida. Sem conhecer seu propósito. A intimidade está acessível a todos, inclusive para você, desde que mergulhe em si mesmo e tenha disposição para caminhar com outro alguém que nunca o completará, mas que o acompanhará - e fará companhia aos seus defeitos, aos seus medos e às suas esperanças (p. 34).

Com essa definição, Nogueira (2020) afirma que o amor não é uma experiência individual. De fato, não pode ser apenas individual, na medida em que uma única pessoa não pode ser responsável sozinha pela manutenção da experiência amorosa em uma relação, assim como não se pode experimentar o amor em isolamento. Para melhor entendimento do que foi dito até aqui, usarei como exemplo a relação de Eva com sua família.

Ao falar da relação de Eva com seus familiares, destaquei que o amor é vivenciado de forma circular, pois a presença de cada membro é o que torna esse movimento possível. Cada uma disponibiliza o que pode e da maneira que pode, em função dessa relação. Assim, Eva e as demais recebem o que é ofertado nesse contato. Isso fomenta um ciclo contínuo que depende da presença individual para a nutrição desse coletivo, ao mesmo tempo em que esse coletivo as nutre enquanto indivíduos.

Nós não nascemos sabendo como amar alguém, quer se trate de nós mesmos ou de outra pessoa. Contudo, nascemos capazes de reagir ao carinho. Conforme crescemos, podemos dar e receber atenção, afeição e alegria. Aprender como nos amar e como amar os outros dependerá da existência de um ambiente amoroso (hooks, 2021, p. 93-94).

Podemos até vivenciar o amor-próprio, mas ele não foi aprendido isoladamente, assim como ele não é inerente a nossa vida. Assim, é fato que, para experienciar o amor, seja na sua forma individual-coletiva, será necessário um movimento de disponibilidade para nutrir esse(s) contato(s). Com isso, novamente me volto aos ensinamentos de Santos (2023), que diz:

A água não reflui, ela transflui e, por transfluir, chega ao lugar de onde partiu, na circularidade. Ou seja, ela vai na correnteza, encontra outras águas, fortalece-se na correnteza, mas ao mesmo tempo evapora, percorre outro espaço, em forma de nuvem, e chove. A chuva vai para outros lados, mas também volta para as nascentes. As nascentes saem do Cerrado e vão confluindo. Confluindo e transfluindo, elas também evaporam e retornam em forma de chuva. Elas não vêm pelo mesmo percurso, caminho ou curso. Elas vêm na circularidade. Transfluem e confluem, mas não refluem. Só no transporte é possível refluir: você pode ir e voltar. A refluência só existe na linearidade. Quando não há circularidade, você vai ter que voltar por onde você foi. Na transfluência não há volta, porque ela é circular. Ao mesmo tempo que algo vai, fica; ao mesmo tempo que fica, vai – sem se desconectar (p. 35).

Ao pensarmos a vivência amorosa a partir do que foi dito por Santos (2023), podemos assimilar que a dinâmica do amar individualmente e coletivamente envolve a compreensão de que levamos muito do que aprendemos no coletivo para as nossas experiências individuais e para outras coletividades. Ao mesmo tempo, deixamos muito das nossas vivências nos espaços coletivos, e o que foi deixado pode servir de ensinamentos para outras pessoas.

Assim, Eva continua sua resposta:

[...] Eu acho que a gente precisa fazer com que esse amor seja individual. Individual, nesse sentido de que ele esteja bem construído e fomentado dentro da gente, para que, a partir daí, a gente parta para o coletivo e comece a fazer isso acontecer de forma coletiva, como uma grande... sei lá, assim como um grande rolê, poderoso assim, sabe? Para que, a partir daí, isso chegue nestas outras meninas, essas outras mulheres, nessas outras pessoas, sabe? E aí assim, pra mim, eu acredito que não tem como pensar ele individualmente, mas também não tem como pensar ele só coletivamente, a gente precisa pensar ele dos dois jeitos, porque só assim é que ele consegue. Se torna, né? Tornar essa grande magnitude que tem tomado, né? Que tem se tornado e tem feito tantas outras meninas, tantas outras mulheres, tantas outras pessoas, entenderem que o amor está para nós, assim saber que ele é possível. Eu penso assim [...]

Fazer parte de grupos de movimentação política, de alguma maneira isso também vai contribuir para essas suas compreensões de vivências amorosas?

Nossa, perfeitamente. Per-feitamente! Assim de eu...Nossa, eu acho que isso também, tipo, chegar nesse lugar, né? Estar nessas atuações desses movimentos foi algo que o amor me levou para, Sabe? Porque se talvez eu não estivesse nesses lugares, exercendo da forma como eu exerço, construído da forma como construo eu não conseguisse, né, ter uma vivência tão possível assim, né? Tão completa quando a gente fala de amor, claro, eu conseguiria exercer em alguns lugares, como eu falei, né? Antes de conhecer o mundo, né? E antes de exercer esse amor, esse sentimento no mundo, foi preciso existir dentro de um núcleo, sentir dentro de um núcleo. Eu sei que dentro desse núcleo ele continuaria vivo, possível, existente, sabe, exercido. Mas eu não sei se ele estaria sendo tão bem exercido que, a meu ver, está sendo bem exercido, se eu não estivesse nesses outros lugares. Sabe?

Eva descreve os grupos de militância como mais um espaço em que experimenta uma vivência amorosa. De forma interessante, ela destaca que primeiro foi necessário viver a experiência de amor em um núcleo (familiar) para então levar essa experiência adquirida para outros lugares. Seguindo o movimento de transfluência, Eva não apenas guarda para si o que aprendeu na sua relação nuclear, mas carrega consigo, alicerçando suas próximas relações.

O amor experimentado junto ao seu núcleo poderia ser visto como algo suficiente, mas, no encontro com seus grupos de atuação política, surge um desejo de expansão desse amor-ação, partindo da compreensão de que o amor pode ser experimentado em diferentes contextos e formas, o que cria o movimento contínuo para a vivência amorosa.

O amor é profundamente político. Nossa revolução mais profunda acontecerá quando entendermos essa verdade. Só o amor pode nos dar força para avançar em meio ao desgosto e à angústia. Somente o amor pode nos dar o poder de reconciliar, redimir, o poder de renovar espíritos cansados e de salvar almas perdidas. A potência transformadora do amor é o fundamento de toda mudança social significativa. Sem amor, nossa vida não tem sentido. O amor é o cerne da questão. Quando tudo o mais desaparece, o amor sustém (hooks, 2024b, p. 43).

Compreender o amor como ato político e não apenas como sentimento nos coloca à frente de questões fundamentais para nossa existência. Ele é um alicerce para confrontar os sistemas de opressão, desafiando as normas que nos desumanizam. Assim, o amor entendido como político não pode ser vivenciado na esfera individual, mas na coletividade, que não se restringe à relação afetivo-sexual; nem na sua forma hegemônica, pois o amor-romântico não é o que orienta nossas vivências.

O amor como um ato político tem função de nos reconectar com a nossa autoimagem e com os nossos espaços e relações, como um ato de autovalorização e de cuidado consigo e com os outros.

4.5 “EU ME SINTO AMADÍSSIMA [...]”

[...] Mas eu me sinto muito amada. Nossa, eu me sinto muito amada, sabe? Eu me sinto de fato muito amada. E é meio doido pensar isso assim, porque eu sei que talvez esse sentimento não esteja presente nessas outras pessoas que assim como eu sou, são pessoas que estejam nesse lugar de dissidência né? Pessoas trans, pessoas negras. Mas eu vou te contar. Eu acho que essa sensação de que eu sou muito amada é forte. Porque eu só me importo com o amor de quem eu acredito que eu precise, sabe? Então, como dessas pessoas, desses lugares, né, dessas ações que eu acredito que eu preciso, eu vejo que elas são concretas na minha vida, elas estão ali. Eu acho que eu acabo borrando qualquer outra coisa que me faça achar que eu não sou. Sabe? Então, eu sou [...]

Eva sabe que a sua vivência difere do que outras pessoas dissidentes podem experimentar. A marginalização de pessoas trans/travestis e negras, que promove a invisibilização e situações de preconceito, é o que ainda marca as vidas dessas pessoas. “Travestis são altamente inferiorizadas, subalternizadas, assassinadas e precarizadas na sociedade, somado a isto, se comparadas a mulheres trans, ainda há a classificação pejorativa, como a de prostitutas, ladras, barraqueiras, violentas, perigosas” (S. Silva; Nascimento, 2022, p. 66).

Antes de sua compreensão e vivência de intimidade com o amor, Eva se viu tocada por essas dinâmicas de opressões que cruzam a sua vida e de outras. Ela afirma:

[...] É que o fato de que antes, quando eu era bem juvenzinha, assim, bem na minha adolescência, quando eu entendi que eu era uma travesti, a primeira coisa que eu me imaginei antes de imaginar todas as diversas outras possibilidades, foi que eu me imaginei morta e, aí, foi assim, se eu transicionar, né? Se eu me construir uma travesti, eu vou morrer. O que é que eu posso fazer no meio desse caminho para não ser morta? Foi assim, foi basicamente isso, né? E hoje, quando eu olho para trás, eu penso que isso foi algo tão cruel, tão pesado assim, porque antes de eu imaginar infinitas possibilidades, eu imaginei a morte primeiro [...]

A fala de Eva retrata o estigma que muitas pessoas como ela, travesti ou trans, sentem ao vivenciar suas identidades. Esse pensamento evidencia como os sistemas de opressão sustentam preconceitos e produzem exclusão. Não se trata de algo que acontece do nada: o medo pelo que aconteceria a sua existência se justifica quando estamos falando do Brasil, o país que mais mata pessoas trans e travestis.

Nos atentemos às teias desenvolvidas pela colonialidade que envolvem as mais sofisticadas tecnologias de desumanização na qual travestis se encontram imersas. Revelando a violência genocida e epistemicida acometida contra a nossa população. O Brasil segue sendo o país com o maior número de assassinatos da população trans e travestis, e fomenta a institucionalização da travestifobia, para assim banalizar nossas vidas e naturalizar nossas mortes (Araújo; Cruz, 2021, p. 33).

Esse processo de violência contra pessoas trans e travestis alcança em suas vidas dimensões simbólicas, afetivas e práticas. Desde sua estigmatização até quando têm suas necessidades básicas negadas, como, por exemplo, o acesso à saúde. Por isso, na vivência dessas pessoas, a construção de identidade está atrelada ao desejo de acolhimento e suporte.

Na experiência de Eva, esse acolhimento foi sentido desde sua primeira vivência amorosa com as mulheres da sua família, sendo estendido a outras relações, como ela mesma fala, que vivencia o amor também nos espaços de luta política. Como falamos anteriormente, o amor é político. Logo, Eva, uma travesti negra, em meio aos processos de invisibilização de

sua existência, está vivenciando dinâmicas amorosas. Reconhecer-se como alguém amada, ou melhor, amadíssima, é um ato de resistência às normativas de desumanização.

[...] eu me sinto uma pessoa tão agraciada por tanta coisa boa acontecendo na minha vida e por sentir que essas pessoas que estão ao meu redor, de uma forma ou de outra, elas possibilitam que essas coisas boas aconteçam, sabe? E nem sobre coisas materiais assim nem é sobre... São coisas concretas, eu acho que são coisas palpáveis, mas que não são coisas que estejam necessariamente nesse campo do material assim. São coisas bem objetivas mesmo, sabe? E se você me perguntasse: você se sente amada? Nossa, me sinto. Me sinto, sabe? Me sinto. E é tão doido. Isso que eu me sinto, tão amada é que eu fico nesse, nessa função, de tentar fazer com que outras pessoas se sintam também. Sabe, e aí eu acho que eu consigo. Eu acho que eu consigo, não é nem como um... Não é nem como obrigação. Assim, sabe? Mas é como se fosse tanto amor em abundância assim quem está ao redor acaba sentindo também. É meio doido isso, mas nossa, eu me sinto muito amada. Eu me sinto amadíssima [...]

O amor tem dimensões importantes na vida de Eva. É circular, no sentido de algo que flui e se tornou uma base para seu entendimento de amor. É cuidado consigo, na medida em que vivencia o autoamor, partindo de uma movimento de autoaceitação e autoafirmação de sua identidade, não dando espaço para as narrativas de solidão, pois, na sua vivência, tem experimentado o amor em abundância. E, por fim, é político, assim assumindo um poder transformador em sua vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos deste trabalho foram discutir como mulheres negras vivenciam o amor ou sua ausência, na busca por identificar possíveis convergências e divergências nas suas narrativas, junto à literatura que aborda essa questão. Assim, foi possível identificar que as narrativas das entrevistadas em alguns momentos se assemelhavam, ao mesmo tempo em que mantinham suas particularidades.

Isso revela que, embora as experiências das mulheres negras sejam atravessadas pelas opressões racista e cisheteropatriarcal, isso não ocorre de uma mesma forma para todas, assim como os caminhos de resistência por elas construídos são múltiplos e particulares. Opressões atravessam seus corpos, mas não as impedem de serem pluridiversas. Embora sejam estruturais na sociedade colonial e capitalista, não são as opressões que definem essas mulheres.

Nesse sentido, é relevante destacar alguns exemplos de convergências nas narrativas. Primeiramente, existe a compreensão das entrevistadas de que as vivências das mulheres negras são perpassadas pelos sistemas de opressão, como o racismo e machismo. Isso interfere nas suas relações de modo geral e, de forma significativa, nas relações amorosas, algo discutido por Gonzalez (1985) e Carneiro (2011) quando afirmam que os sistemas de opressão subalternizam mulheres negras.

Um outro ponto de convergência é que duas das entrevistadas, ao mencionarem suas relações familiares, apresentaram dinâmicas complexas que evidenciaram como a questão racial pode ser algo presente mesmo que esse assunto não seja abordado de maneira aberta. Assim, Tereza e Luísa narram experiências de apagamentos de suas negritudes no contexto familiar, assim como momentos conflituosos que mudaram a dinâmica familiar. Kilomba (2019) e Hordge-Freeman (2018) fazem apontamentos de como a questão racial vivenciada nas relações familiares pode interferir diretamente em nossas vidas.

Em mais uma convergência, agora nas narrativas de Tereza e Eva, para além de um relato de suas vidas e percepções sobre amor, as entrevistadas demonstraram conhecimento sobre a temática a partir das leituras dos textos de bell hooks. Houve concordância com a autora ao afirmarem que o amor é uma ação e não apenas um sentimento. A partir dessa concepção, ambas tentam aplicá-la em suas vivências amorosas, construindo caminhos de fortalecimento, tanto individual quanto coletivo, diante das dinâmicas de suas vidas.

Quanto às particularidades das experiências nas narrativas, estas não necessariamente são divergentes do que encontramos na literatura, mas pouco relatadas. A exemplo disso, temos a narrativa de Tereza sobre sua vivência amorosa com seus amigos da faculdade. Dificilmente

imaginamos o contexto universitário como um lugar possível de experimentar o amor, mas acredito que isso ocorra por estarmos habituadas a enxergar a universidade como um local que, ocidentalizado (Grosfoguel, 2016), é marcado pelo epistemicídio (Carneiro, 2005), pela competitividade e por possíveis adoecimentos. Tereza vinculou a relação que mantém com seus amigos como um movimento de afroafeto, conceito desenvolvido por Quintiliano (2019).

Na narrativa de Luísa, o que se destaca é a percepção de como, em sua vida, o amor aconteceu com dificuldade e escassez, algo percebido desde a infância, mas também em outros momentos. Para ela, o racismo é um fator principal para essa dificuldade em vivenciar uma relação amorosa, algo que também percebe na vivência das mulheres da sua família.

Algo a ser destacado na narrativa de Eva, sem dúvidas, é a relação de amor com sua família, uma relação que se baseia no acolhimento, respeito e apoio mútuo. O que torna essa dinâmica familiar diferente é a compreensão de que ela só funciona a partir do envolvimento de todas, em um movimento de confluência (Santos, 2023). Ação importante não apenas para a relação familiar, mas para os indivíduos que são nutridos por ela.

Com o que foi apresentado até aqui, é possível compreender que as vivências de mulheres negras estão envoltas de ações de cuidado e fortalecimento, assim como que ainda há necessidade de superação de estereótipos que marcam nossas vidas. Dessa maneira, o amor para nós se torna uma ação política e de afirmação da nossa existência.

Este trabalho procurou compreender as diversas relações de mulheres negras e o amor, ressaltando suas contribuições para o campo da Psicologia e áreas afins, assim como para a realidade de mulheres negras. Conforme a evolução do texto, foi possível perceber as principais adversidades, do mesmo modo que foi possível identificar as perspectivas de análise.

É importante destacar que houve uma limitação significativa nas entrevistas realizadas nesta pesquisa. Refiro-me à ausência de mulheres idosas e à presença apenas de mulheres com formação superior. Tal limitação impede uma análise mais ampla, sobretudo de grupos que poderiam enriquecer a análise com distintas experiências ligadas à idade, nível educacional e gênero. Um outro ponto a ser ressaltado é que a pesquisa não propôs investigar profundamente os territórios escolhidos, mas sim abordar aspectos específicos das vivências das entrevistadas.

Também foi possível, nesta pesquisa, abordar questões relacionadas aos conceitos de gênero, raça, família e interseccionalidade, que reforçam a relevância de dar continuidade aos estudos sobre o amor, podendo, dessa forma, alcançar novas perspectivas. Ficou notório que a vivência de pessoas negras, mais precisamente de mulheres negras, com o amor, é um campo fértil para novas descobertas, que podem contribuir com a realidade de nossas relações.

Indo além, por meio das experiências das entrevistadas, podemos aprender novas concepções sobre o amor, que aprofundam e complexificam o que as intelectuais negras têm escrito na academia, e que também transbordam as categorizações já conhecidas e debatidas no campo das epistemologias das mulheres negras.

Espero que as reflexões propostas nesta pesquisa, que partiram da conversa com as narrativas de nossas entrevistadas, possam contribuir para novas pesquisas sobre a vivência de mulheres negras acerca do amor, bem como incentivá-las.

Por fim, comecei os diálogos com uma pergunta que foi capaz de nos levar a várias temáticas e promover diversas reflexões. Então, quero concluir este trabalho com a resposta de nossas entrevistadas a uma pergunta fundamental. Assim, questioneiei:

Mulheres negras podem ser amadas?

Tereza: Sim...Porque mesmo que haja essa dificuldade da questão da solidão da mulher negra, eu não quero falar sobre isso. É, eu acho que a questão da identidade, quando você sabe que é o caso, quando eu me descobri como mulher parda, né? Essa questão da identidade, você tem a certeza que você sabe o que é. Eu sou isso e nada vai mudar. E aí você começa a ter essa autoconfiança e consegue exalar essa autoconfiança com as pessoas que estão ao seu redor, eu acho que começa a perceber que eu posso ser amada e amar outras pessoas, né? De não ter essa insegurança. É, eu não posso, eu não consigo me abrir com tal pessoa, porque aquela pessoa vai me machucar, aquela pessoa vai me ferir, ainda tenho esse bloqueio emocional, no caso romântico, mas em questão de amizades eu não tenho esse bloqueio. Eu consigo me tornar amiga de uma pessoa muito rápido pelo fato de não ter essa insegurança, de falar o que eu penso e mesmo que aquela pessoa, que: “eu não gosto que você” falar, eu fico: tá ok, tudo bem! É, então eu acho que essa questão da identidade colabora muito em relação das mulheres negras serem amadas, e amar. Se você está entre iguais ou até mesmo quando não está, e a pessoa tem um respeito pelo que você é, você também consegue amar e ser amado.

Luisa: Sim, mas há muitos desafios para chegar até aí, sabe? Aonde eu identifico que eu passei e que eu acho que pessoas quanto mais retintas ainda passem por situações bem piores também, dependendo dos contextos familiares. Eu acho que é possível a mulher negra ser amada apesar da sociedade que a gente vive, mas acredito que não é fácil, que é muito mais difícil, acredito que se você for olhar, por exemplo, não é uma pesquisa que eu tenha feito, mas metade da nossa população é negra. Há muitas mães solo, pra mim fica assim, meio que óbvio que a maioria das mães solo são mulheres negras, sabe? Apesar de eu não ter feito a pesquisa, é uma crença que eu tenho, vamos dizer assim. E até que ponto isso não é uma implicação racial, sabe? Eu sei que é. Seus homens simplesmente vão embora, não olham para trás. Eu acho que é muito difícil, tipo, quando eu olho pra minha mãe, por exemplo, é um exemplo vivo, sabe? Ela não é muito só, muito só, tirando eu e minha vó, acho que ninguém está realmente se importando com ela e eu sei o quanto isso é difícil, mas eu acho que há esperança para além dos desafios, sabe? Eu acho que sim. Não que seja fácil, mas é possível.

Eva: Completamente, completamente, sabe, como se fosse, assim, como a gente, a gente não é do mundo da tecnologia, mas tem uma coisa que eu gosto de usar, que é bem tecnológico, assim, mas é como é esse processo de hackeio. Sabe, assim, a gente hackeia esse sistema porque, primeiro, essa primeira concepção de amor que chega para a gente, hegemônica colonial, sabe? Que é um amor muito limitante, que é um amor muito podado, é um amor que engessa, é um sentimento que eu nem sei se teria como a gente, a partir do momento que compreende, continuar colocando nesse lugar de amor, atribuir nesse termo amor, sabe? Mas é esse sentimento que chega para gente, esse molde, acaba por fazer com que a gente não compreenda, né, que nós, mulheres negras, exercemos amor, sabe? E eu acho que quando a gente tem essa sacada e a gente percebe que a gente exerce, é como se o Mar Vermelho se abrisse, assim na nossa frente, sabe? Porque a gente exerce de uma forma tão sofisticada, sabe? É de uma forma tão bem construída e é necessário, de fato, fazer esse processo de hackeio do sistema, porque eles vão dizer para gente que não existe, que não é possível, que não é cômodo, que não tem como, porque só é possível se a gente seguir esse caminho que foi estabelecido como o caminho a ser seguido e não, não é isso. Sabe? A gente constrói o nosso caminho e a gente decide se, mesmo construído, a gente vai trilhar ele ou não. Isso só cabe a gente, então, quando a gente começa a ter essa concepção, nossa, é como se o mundo girasse assim, sabe? É como se tudo passasse a fazer sentido a forma como eu, sei lá, se dou a água a minha vizinha aqui de noite, quando a gente senta aqui na frente de casa, sabe? A forma como eu me relaciono com os meus familiares, a forma como eu compreendo algumas dores e alguns desconfortos e sinalizo eles, ainda que eles não sejam tão gostosos de sentir assim, sabe a forma como eu exerço mesmo essa noção que eu fui construindo, né, ao longo de todos esses anos de vida, isso para mim é amor, sabe? Esse amor é um amor tão possível, tão possível, que, às vezes, quando a gente se vê de frente a ele, a gente se embebeda, a perna treme, sabe, assim a gente fica: “Nossa, ele esteve aqui durante todo esse tempo”, né? Ele foi possível durante todo esse tempo, só me ensinaram a não percebê-lo, né? Só não me ensinaram qual eram as formas necessárias de fazer com que ele fosse visível aos meus olhos, sabe? E aí pra mim, quando ele se torna visível é onde tudo acontece, é onde tudo modifica. (Rindo). Sabe? É onde a gente faz a gira girar, assim e aí, meu amor? Depois que gira, cabou! (rindo)

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.
- ARAÚJO, Jarda Maria Andrade; CRUZ, Gabriel Fagundes Borges. “**Travesti não é bagunça**”: Uma análise sobre existências travestis, colonialidade e acesso à Saúde. 2021. Trabalho de Conclusão (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, 2021.
- ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras**: em 15 cordéis. São Paulo: Seguinte, 2020.
- BENTO, Berenice. As famílias que habitam “a família”. **Sociedade e cultura**, v. 15, n. 2, p. 275-283, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sec.v15i2.22396>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. Gênero, raça e ascensão social. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 544-544, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16472>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Geledés, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CÚNICO, Sabrina Daiana; ARPINI, Dorian Mônica. Família e monoparentalidade feminina sob a ótica de mulheres chefes de família. **Aletheia**, n. 43-44, 2014. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942014000100004. Acesso em: 23 jun. 2025.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico]. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200018>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Sebastião Nascimento (colaboração de Raquel Camargo). São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FIGUEIREDO, Ângela. Dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil. In: PINHO, A. O.; SANSONE, L. (orgs.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 237-255. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/3tqqd/pdf/pinho-9788523212254-09.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2025.

FIGUEIREDO, Ângela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo & Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2175180312292020e0102>. Acesso em: 23 jun. 2025.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/10316>. Acesso em: 23 jun. 2025.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel (org.). **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 87-106.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt>. Acesso em: 23 jun. 2025.

HOOKS, bell. **Vivendo de amor**. Geledés, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Comunhão: a busca das mulheres pelo amor**. São Paulo: Elefante, 2024a.

HOOKS, bell. **Salvação: pessoas negras e o amor**. São Paulo: Elefante, 2024b.

HORDGE-FREEMAN, Elizabeth. **A cor do amor: características raciais, estigma e socialização em famílias negras brasileiras**. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. **Revista Cronos**, v. 11, n. 2, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2150>. Acesso em: 23 jun. 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Autêntica Editora, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 184-189, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>. Acesso em: 23 jun. 2025.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. Quantas solidões habitam a corpa de uma travesti negra e gorda?. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35e277385>. Acesso em: 23 jun. 2025.

NOGUERA, Renato. **Por que amamos**: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. **CODESRIA Gender Series**, v. 1, p. 1-10, 2004.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra**: afetividade e solidão. Salvador: EDUFBA, 2013.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PINTO, Rosa Maria Ferreiro et al. Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social. **Serviço Social & Sociedade**, n. 105, p. 167-179, mar. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-66282011000100010>. Acesso em: 23 jun. 2025.

QUINTILIANO, Marta. **Redes afro-indígenaafetivas**: uma autoetnografia sobre trajetórias, relações e tensões entre cotistas da pós-graduação stricto sensu e políticas de ações afirmativas na Universidade Federal de Goiás. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

SENNA, Ariane Moreira de. **A solidão da mulher trans, negra e periférica**: uma (auto)etnografia sobre relações socioafetivas em uma sociedade cisheteropatriarcal. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

SILVA, Emilly Emmanuely dos Santos; NASCIMENTO, Maria Aline Marques Ferreira do. **A cordialidade violenta contra mulheres negras cisgêneras, trans, travestis e formas de resistências**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

SILVA, Gisele Cristina Resende Fernandes da. O método científico na psicologia: abordagem qualitativa e quantitativa. 2010.

SILVA, Maria Nilza da. A mulher negra. **Revista Espaço Acadêmico**, ano II, n. 22, mar. 2003. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/022/22csilva.htm>. Acesso em: 23 jun. 2025.

SILVA, Tatiana Dias. Mulheres negras, pobreza e desigualdade de renda. In: MARCONDES, Mariana Mazzini; PINHEIRO, Luana; QUEIROZ, Cristina; QUERINO, Ana Carolina; VALVERDE, Danielle (orgs.). **Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013. p. 109-131.

SILVA, Thiffany Odara Lima da. A QUEM INTERESSA MINHA DOR? TRAVESTIS NEGRA EM PRIMEIRA PESSOA. **Notícias**. Revista Docência e Ciberultura, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/announcement/view/1430>. Acesso em: 23 jun. 2025.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 1, n. 1, p. 07-17, 2010. Disponível em: <https://abpn.emnuvens.com.br/site/article/view/303>. Acesso: 23 jun. 2025.

WERNECK, Jurema. **Mulheres negras na primeira pessoa**. Organização: WERNECK, Jurema; IRACI, Nilza; CRUZ, Simone. Porto Alegre: Redes Editora, 2012.